

LUCAS PARCA GUARITÁ

**PSICANÁLISE, MÍDIA E CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO MUDIÁTICO ACERCA DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO**

BRASÍLIA

2020

LUCAS PARCA GUARITÁ

**PSICANÁLISE, MÍDIA E CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO MUDIÁTICO ACERCA DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito básico
para obtenção do grau de psicólogo.

Professor-orientador: Juliano Moreira Lagoas

BRASÍLIA

2020

LUCAS PARCA GUARITÁ

**PSICANÁLISE, MÍDIA E CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO MUDIÁTICO ACERCA DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito básico
para obtenção do grau de psicólogo.

Professor-orientador: Juliano Moreira Lagoas

BRASÍLIA, 5 DE AGOSTO DE 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Juliano Moreira Lagôas, Dr. - UniCEUB

Prof. Guilherme Freitas Henderson, Me. - UniCEUB

Prof. Livia Campos e Silva, Me. - UniCEUB

AGRADECIMENTOS

Ao Juliano Lagoas, pela orientação e inspiração a psicanálise.

Aos amigos do curso de psicologia, em especial à Fernanda Dias pelo apoio a toda hora.

À minha irmã Camila Parca, pela cuidadosa leitura e revisão do texto.

Aos meus professores, que me instigaram a refletir sobre diferentes aspectos da vida.

À Simone Robalo, por enfrentar a todos e acreditar neste curso.

À Valeria Mori e Luciana Campolina, pelo carinho, apoio e confiança. Sem elas, fazer pesquisa não seria tão interessante.

Ao Bruno Fujichima, pelo encontro.

À Aline Qader, pela escuta.

Ao Guilherme Henderson, pelo amor à psicanálise e orientações não oficiais.

À Hanna Guimel pela amizade e ao Rafael Santos, pelas habilidades tecnológicas e recuperação do trabalho perdido.

Aos meus avós, fonte de inspiração e amor.

Aos meus pais e irmãs, pelo apoio incondicional.

Ao meu amor, Vanessa Santos, por tudo, sem você este trabalho não teria acontecido, muito obrigado, com todo amor.

Para se conhecer qualquer pessoa, é preciso ir-se chegando a ela devagar e com cautela, para evitar equívoco e preconceito, coisas bem difíceis de corrigir e reparar depois.

- *Fiódor Dostoiévski*

RESUMO

O presente trabalho busca, por meio da análise de discurso, como proposto pelos autores Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016), identificar alguns elementos históricos, ideológicos e econômicos que constituem os discursos sobre a práxis psicanalítica na contemporaneidade. Para tal, utilizou-se, como objeto de pesquisa, a quarta temporada da série *Sessão de Terapia* (2019). O uso de produções midiáticas tem se mostrado um interessante caminho de reflexão para a psicanálise. Tais análises possibilitaram o debate de questões acerca da prática do psicanalista, assim como os locais que ele ocupa na contemporaneidade. Percebe-se, ao longo das análises, a necessidade de se pensar uma clínica ampliada, bem como a importância de ter na psicanálise a possibilidade de uma resistência frente ao neoliberalismo.

Palavra-chave: Psicanálise, Neoliberalismo e Cultura.

RESÚMEN

El presente trabajo buscó por medio de análisis de discurso, estrategia propuesta por los autores Dunker, Paulon u Milán-Ramos (2016), identificar algunos elementos históricos, ideológicos y económicos que constituyen los discursos sobre la praxis psicanalítica en la contemporaneidad. Por eso, fue utilizado como objeto de investigación la cuarta temporada de la serie brasileña llamada sesión de terapia (2019). El uso de producciones midiáticas demuestran ser un interesante camino de reflexiones para la psicoanálisis. Las análisis posibilitaron la discusión sobre la práctica de psicoanalistas tal cual el espacio que ocupan en la contemporaneidad. Se nota a lo largo de las análisis una necesidad de pensar en las posibilidades de la clínica ampliada y la importancia de tener en el campo de la psicoanálisis la posibilidad de resistencia al neoliberalismo.

Palabras-clave: Psicoanálisis, Neoliberalismo y Cultura

ABSTRACT

The present work seeks, through discourse analysis, as proposed by the authors Dunker, Paulon and Milán-Ramos (2016), to identify some historical, ideological and economic elements that constitute the discourses on psychoanalytical praxis in contemporaneity. For this purpose, the fourth season of the Therapy Session series (2019) was used as the object of research. The use of media productions has proved to be an interesting path of reflection for psychoanalysis. Such analyses have made possible the debate of questions about the practice of the psychoanalyst, as well as the places he occupies in the contemporaneity. The need to think about an enlarged clinic is perceived throughout the analyses, as well as the importance of having in psychoanalysis the possibility of resistance to neoliberalism.

Key-words: Psychoanalysis, Neoliberalism and Culture.

SUMÁRIO	
LISTA DE FIGURAS	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - PSICANÁLISE, CONTEMPORANEIDADE E NEOLIBERALISMO	13
1.1 A psicanálise em Freud	13
1.2 A contemporaneidade, o neoliberalismo e suas implicações para a psicanálise e para a questão do sofrimento psíquico.	16
1.3 A cultura da mídia e a manutenção do neoliberalismo	20
CAPÍTULO 2: QUADRO METODOLÓGICO E DESENVOLVIMENTO DO MATERIAL DE ANÁLISE	22
2.1 Procedimento de construção do material	24
2.2 Procedimento de análise do material	26
CAPÍTULO 3: ANÁLISES E REFLEXÕES DO MATERIAL	27
3.1 A transferência em análise	27
3.2 Quanto tempo temos?	34
3.3 A psicanálise e o analista contemporâneo	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quiara, personagem da série *Sessão de Terapia* (2019).

Figura 2: Caio, personagem da série *Sessão de Terapia* (2019).

INTRODUÇÃO

Este trabalho procurou investigar algumas questões relacionados à prática e ao lugar do psicanalista na contemporaneidade. Por acreditar que os produtos midiáticos possuem um papel pedagógico e de influência na subjetividade contemporânea, optei por ter como objeto de estudo a série *Sessão de Terapia* (2019).

Os discursos midiáticos acerca do sofrimento psíquico na contemporaneidade têm se tornado um campo de interesse de diferentes áreas de pesquisa. Trabalhos como os de Dunker & Rodrigues (2015), Fink (2018) e Žižek (2018) são exemplos de utilização de filmes e séries para debater diferentes aspectos do sofrimento humano. Esses discursos não dizem respeito apenas ao sofrimento psíquico, mas também às suas formas de tratamento e, conseqüentemente, ao profissional responsável.

Se nos atentarmos para as representações de terapeutas nos meios midiáticos, há uma concentração, segundo Fink (2018), no desejo do terapeuta quando ele transgride os limites da relação terapêutica, donde resulta a representação do terapeuta contemporâneo como alguém solitário e vulnerável, que se apaixona por seu paciente e se deixa levar por seu poder sobre este, dormindo com ela ou ele. Como ocorre, por exemplo, no filme *Desejos* (1992), de Phil Joanou.

Tive por objetivo, neste trabalho, identificar alguns elementos históricos, ideológicos e econômicos que constituem o discurso sobre a práxis psicanalítica contemporânea. Para isso, utilizei a psicanálise como método de investigação e tática de leitura, como proposto por Dunker, Paulón e Milan-Ramos (2016), para realizar uma análise de discurso da série brasileira *Sessão de Terapia* (2019). A obra se passa em um consultório de psicanálise, em que o telespectador acompanha o dia a dia do terapeuta e seus atendimentos. Nela, são expostas diferentes situações acerca do sofrimento humano e seus desdobramentos.

As sessões de terapia apresentadas nos meios midiáticos oferecem, muitas vezes, explicações simplistas sobre os problemas do mundo, baseado no que as pessoas imaginam ser um processo terapêutico. Também é possível identificar nesses discursos uma “gramática do sofrimento” (DUNKER, 2015), isto é, mostra-se quais tipos de sofrimento são legítimos, quais são “normais” e quais são patológicos. Podemos pensar, inclusive, se esses produtos culturais aparecem nas sessões como modelos identificatórios de sofrimento, isto é, a

identificação com um personagem de um filme ou com a história de uma série, de modo que o paciente os utiliza como exemplos para falar sobre si.

Analisar tais processos possibilita novas reflexões acerca da prática psicanalítica e do processo da análise. Busquei, ao longo do trabalho, diferenciar algumas ideias do senso comum em relação à prática psicanalítica, tais como a ideia de que o terapeuta é aquele que vai apontar um caminho a ser seguido, revelar os segredos mais profundos do sujeito, resolver todos os seus problemas, ou ainda, aquele que só fala sobre sexo, sobre as relações parentais e que cobra uma fortuna por algo que nunca vai ter fim.

A razão para a escolha deste tema e a forma como o fizemos se deram pelo esforço de dar voz ao meu desejo de aprofundar na psicanálise. Inicialmente os objetivos do trabalho eram outros e, ao longo de seu desenvolvimento, pude ir entendendo qual caminho gostaria de tomar. As angústias de estar finalizando um curso e saber que em pouco tempo estarei ocupando a poltrona do terapeuta, me instigaram a um retorno a Freud, num esforço de dialogar com o contemporâneo e seus desafios. Busquei, também, ampliar esse debate para outros campos do saber e, por isso, escolhi analisar uma série, pois ela diz respeito a um outro lugar que não o do discurso psicanalista sobre si, mas de um produto midiático que tem como contexto sessões psicanalíticas. Por fim, ainda a respeito do desenvolvimento deste trabalho, o processo da escrita se mostrou desafiador em alguns momentos, pois inicialmente avançamos em um ponto com muitas ideias a serem construídas, depois retornamos às questões iniciais, por fim entendemos que determinados aspectos não poderiam ser trabalhados agora, assim algumas coisas ficaram guardadas para trabalhos futuros. Enfim, este é um trabalho (in)completo: completo no que diz respeito aos protocolos acadêmicos, mas incompleto no que diz respeito a sua temática e ao desejo de aprofundar nos temas levantados.

Compartilhamos, portanto, neste trabalho, da visão de que a psicanálise é um campo do saber que possibilita novas reflexões acerca da psicologia e das práticas clínicas. Pois, assim como Rose (2011, p. 68), acreditamos que:

Não só as disciplinas tem fronteiras fluidas entre si, como as linhas de desenvolvimento de teorias de explicações da experimentação frequentemente não passam pelo centro de nenhuma disciplina específica, mas através de suas ligações com outras, por meio de questões que têm menos a ver com o conhecimento do que com *know-how*.

Partindo desse ponto, interessa-nos levantar as seguintes questões: (i) Em que sentido um produto cultural sobre o fazer psicanalítico nos ajuda a pensar a atuação do psicanalista e

o processo de análise? (ii) Quais a contribuição da psicanálise para as questões do mundo contemporâneo? (iii) Quais as possibilidades da psicanálise ocupar espaços historicamente abandonados por ela? É em torno dessas questões que se organiza a pesquisa realizada.

A fim de responder às questões levantadas, o trabalho foi dividido em duas partes. A primeira se refere ao capítulo um e suas sessões, em que faço um retorno breve à obra de Freud e avanço para as questões relacionadas à contemporaneidade, apontando alguns elementos históricos e ideológico. Esse primeiro capítulo funciona como base teórica para o capítulo três, que se refere à segunda parte do trabalho. Neste capítulo é onde se encontram as análises da série *Sessão de Terapia* (2019), nele são trabalhadas questões mais voltadas a práxis psicanalítica e ao lugar que o psicanalista contemporâneo ocupa. A fim de facilitar o leitor, tal capítulo foi dividido em três seções, a primeira referente à transferência, a segunda ao tempo que uma análise dura e seus desdobramentos na contemporaneidade e por fim uma sessão sobre os espaços ocupados pelo psicanalista contemporâneo.

CAPÍTULO 1 - PSICANÁLISE, CONTEMPORANEIDADE E NEOLIBERALISMO

A psicanálise vem perdendo seu lugar de destaque na contemporaneidade. Segundo Birman (2019) podemos registrar uma diminuição drástica nas demandas por tratamentos psicanalíticos. Isso pode se dar por diferentes motivos, como, por exemplo, o tempo de uma análise e o valor cobrado. Mas também diz respeito ao tempo em que vivemos, “a globalização do capital gerou também uma globalização das maneiras de sofrer” e consequentemente a forma de se tratar (DUNKER, 2015, p. 23). O sofrimento contemporâneo é diferente daquele sobre o qual Freud se debruçou. O tratamento psicanalítico se difere em muito das promessas milagrosas que surgem (e que são muito mais sedutoras) nos dias de hoje, em que se promete “soluções” em muito menos tempo. Tendo isso em vista, darei alguns passos para trás, expondo algumas questões que Freud formulou para podermos, a partir disso, avançar para a contemporaneidade. Para tal, dividi este capítulo em três seções, a primeira se refere a um retorno a obra de Freud, principalmente no que diz respeito às questões sociais. Na segunda seção propus um debate acerca da psicanálise na contemporaneidade, expondo questões ideológicas e políticas a respeito do tempo em que vivemos, bem como a compreensão do que é ser contemporâneo e, por fim, aponto para o papel da cultura da mídia na manutenção do neoliberalismo na terceira seção.

1.1 A psicanálise em Freud

Para melhor compreendermos as questões levantadas na introdução, vou voltar alguns passos e relembrar pontos que Freud, já em seu tempo, nos trazia acerca do sofrimento humano e suas relações com o social. Acredito ser de importância informar ao leitor que não se trata aqui de fazer uma genealogia da psicanálise em Freud¹. O objetivo aqui é contextualizar brevemente de onde parto neste trabalho. Trata-se de defender a importância de retomarmos a obra de Freud, não com um olhar dogmático e obediente, mas com um olhar crítico e dialógico em relação às demais áreas do saber, bem como aos fenômenos da contemporaneidade, pois, como traz Endo, “a obediência na psicanálise é a pior forma de burrice” (KOLTAI et al., 2017, p. 4).

¹ Para aqueles que tenham esse interesse recomendo os trabalhos de Gay (2012) e Rodinesco (2016), que se propõem aprofundar não só na psicanálise mas na vida de seu criador.

O termo psicanálise foi usado pela primeira vez por Freud em 1896, segundo Gay (2012). No entanto, seus trabalhos na direção da psicanálise o acompanhavam desde um certo tempo. Mesmo antes, quando ainda se debruçava na hipnose, como podemos ver em *Tratamento Psíquico (tratamento anímico)* (FREUD, 1890/2019) e nos *Estudos Sobre a Histeria* (FREUD, 1893-1895/2016), Freud já dava sinais do que se tornaria a psicanálise futuramente, como, por exemplo, a importância da palavra para o tratamento, a ruptura com a dicotomia corpo-mente, a influência dos afetos sobre a vida das pessoas, a ideia de narcisismo, transferência, resistência, etc.

O uso da hipnose, inicialmente sob influência de Breuer, é abandonado por Freud ao perceber seus limites no tratamento psíquico, passando ao método catártico, e, posteriormente, lança-se ao que hoje chamamos de psicanálise.

Por mais de três décadas, Freud iria remodelar seu mapa da mente, refinar a técnica psicanalítica, rever suas teorias das pulsões, da angústia e da sexualidade feminina, e invadir a história da arte, a antropologia especulativa, a psicologia da religião e a crítica da cultura. (GAY, 2012 p. 118).

A citação acima nos ajuda a perceber que o próprio Freud, ao longo de seu trabalho, vai repensar sua teoria, modificá-la, buscar diálogos com as artes, antropologia, religião, cultura, mostrando que não se trata de uma teoria fechada, cristalizada em si. Freud demonstrava em seus trabalhos que devemos buscar novas formas de compreensão do que é a psicanálise e, conseqüentemente, de como é sua prática. Não podemos esquecer, aqui, que a psicanálise surge na clínica e que uma é intrinsecamente ligado à outra. Contudo, não devemos restringir a psicanálise aos limites do contexto clínico, me parece correto afirmar que falar sobre a cultura, a sociedade, a política é um caminho do qual a psicanálise pode se debruçar, trabalhos como os realizados por Dunker (2015), Safatle (2016) e Rivera (2018) são exemplos dessa interdisciplinaridade.

A psicanálise nos permite um olhar singular acerca dos fenômenos psíquicos, e entende que as pessoas não estão apartadas da sociedade, mas que suas questões, dificuldades e angústias estão atravessadas pelo social (KOLTAI et al, 2017), de modo que devemos ultrapassar uma certa visão ingênua que reduz a psicanálise à determinação do que seria um comportamento normal e um patológico, deixando tudo aquilo que diz respeito ao coletivo para as outras ciências humanas.

Freud vai se debruçar sobre o social em alguns de seus textos, tais como *O Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 1930/2010) e *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (FREUD, 1921/2011). Abaixo trago uma citação deste último:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinarmos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado. (FREUD, 1921/2011, p.14).

Nessa citação, podemos perceber que o social para Freud é indissociável do individual, ao falar sobre psicologia individual e social, ele aponta justamente que não existe uma separação, ou seja, pensar no sujeito é pensar nas suas relações e em seus diferentes contextos.

É verdade que o foco de seus estudos, como traz Peron (2004), não estava na influência da realidade externa e sim na forma como o aparelho psíquico lida com demandas internas, vindas do inconsciente e de seus representantes. No entanto, isso não significa que ele tenha abandonado o externo, mas traz a tona algo que talvez seja a grande herança da psicanálise, o inconsciente e seu papel tanto na vida das pessoas, quanto na forma de tratamento que a psicanálise vai se debruçar. Pensar o inconsciente e a singularidade do sofrimento das pessoas não é abandonar os impactos do social, mas tentar entender que cada pessoa o subjetiva de uma maneira diferente.

É importante, neste momento, destacar que a herança deixada por Freud possui seus limites, preconceitos e questões problemáticas, como por exemplo o complexo de Édipo, que, apesar de inevitavelmente inserir um elemento normativo na teoria psicanalítica (HAUTE e GEYSKENS, 2016), teve papel importante no desenvolvimento da psicanálise e, por esse aspecto, não é um conceito, a exemplo de outros, que deve ser descartado ou diminuído. O que se deve buscar romper é a lógica de que esse complexo funciona da mesma forma para todas as pessoas. Como aponta Azevedo (2004, p. 42), o complexo de Édipo traz a tona uma “dimensão de uma história censurada, esquecida, recalcada, excluída da consciência do sujeito, mas que, todavia, é determinante de seus atos que dá contornos característicos ao que chamamos inconsciente.” Essa história só pode ser pensada junto ao sujeito que a viveu, caso

contrário, bastaria explicar a pessoa o que é o complexo de Édipo e todas suas questões relacionadas a isso e estariam resolvidas, o que não é uma possibilidade.

Dito isso, entendendo que a psicanálise pode nos possibilitar o diálogo com outras áreas do saber e a buscar uma compreensão do humano como um todo, não apenas em seus sintomas ou em partes isoladas, o que perpassa não apenas as questões singulares, mas também o social e suas representações. Segundo Moscovici (2012), as representações sociais convocam em nós a preocupação com as condutas imaginárias e simbólicas na existência comum das coletividades. Desse modo, a época em que vivemos, de intensa transformação em que as ideias agem e modificam nossa visão sobre o mundo, é uma época na qual “a guerra ideológica é cotidiana e muda o mapa do mundo. Uma época de transformações científicas em que a psicanálise tem um importante papel” (MOSCOVICI, 2012, p.76).

Qual seria esse papel da psicanálise? E qual época é a nossa? Qual ideologia dominante no contemporâneo? Para responder a essas perguntas vamos dar um salto para o contemporâneo e olhar mais de perto os locais que a psicanálise ocupa nele.

1.2 A contemporaneidade, o neoliberalismo e suas implicações para a psicanálise e para a questão do sofrimento psíquico.

Adoto neste trabalho a noção de contemporaneidade proposta por Agamben (2009), o qual defende que pensar o contemporâneo é pensar uma relação singular com o tempo presente, na qual se adere a ele e, ao mesmo tempo, toma-se distância. Assim, segundo o autor, para ser contemporâneo não se pode estar imerso completamente em sua época, pois dessa forma é impossível percebê-la. O processo não consiste, portanto, em um ato nostálgico, mas sim na percepção de diferentes tempos históricos, observação de suas semelhanças e diferenças, de suas tensões e de seus modos de funcionamento, sem julgamentos de valor. (AGAMBEN, 2009).

Ser contemporâneo é manter fixo o olhar no seu tempo, “para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62). Deve-se perceber o “escuro” do seu tempo como algo que lhe é próprio e não cessar de interpretá-lo. Ser contemporâneo, portanto, é entender que o presente é um contínuo inalcançável e em constante necessidade de reflexão. Nesse sentido, acreditamos que a psicanálise pode nos ajudar a interpretar o escuro de nossa época.

Já que o presente não é outra coisa senão a parte de não-vivido em todo vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), neste não conseguimos viver. A atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo. E ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Partindo dessa ideia, podemos pensar que o tempo do contemporâneo não é o do 'aqui e agora', estando para além do tempo cronológico. Pensar no contemporâneo é pensar naquilo que não está dado, é olhar para o que falta, buscando entender quais os processos subjetivos por trás desta falta, quais seus desdobramentos, suas questões etc.

Nas sociedades contemporâneas, temos o engendramento de novas formas de subjetividades. Com o avanço da tecnologia, mídiatização e incentivo à produtividade, tem-se a produção e ascensão de uma personalidade “alterdirigida” (SIBILIA, 2016), voltada para o olhar do outro. Exemplos dessa manifestação são os *youtubers*, *instagramers* e o uso de aplicativos de encontro como *Grindr* e *Tinder*, em que o “eu” passa a ser mais visível e epidérmico, dirigido para o exterior e que almeja a visibilidade (SIBILIA, 2016), o que possibilita o surgimento de novas formas de sofrimento, como narcisismo digital ou a normalopatia (DUNKER, 2017).

Sofrer, segundo Dunker (2017, p.11), “depende essencialmente de três condições: a narrativa na qual está inserido; os atos de reconhecimento que fixam sua causa e a transitividade que o torna uma experiência coletiva e indeterminada”. O transitivismo é um fenômeno da infância, descrevendo uma situação na qual a criança não consegue diferenciar-se do outro, uma confusão entre quem age e quem sofre a ação, em adultos ocorre em situações nas quais não se consegue distinguir quem está provocando e quem está reagindo. (DUNKER 2017). Segundo o autor, essas três condições (narrativa, reconhecimento e transitivismo) combinam-se com a seguinte hipótese:

O sofrimento requer e propaga uma política. Isso quer dizer que a forma como contamos, justificamos e partilhamos nosso sofrimento está sujeita a uma dinâmica de poder. O poder dos opressores, o poder das vítimas, o poder dos indiferentes e até o mesmo poder da indiferença ao poder. (DUNKER, 2017, p. 12)

Nesse sentido, podemos pensar que a política discursiva e institucional afeta nossas formas de sofrer, embora a experiência do sofrer esteja muito além das formas socialmente reconhecidas (DUNKER 2017). Aqui, Dunker (2017) aponta para o que foi dito anteriormente

em relação ao impacto do social no sofrimento, deixando claro que existe esse impacto, no entanto a experiência que o sujeito tem frente a esse sofrimento é singular.

Entendo, neste trabalho, que o discurso ideológico que perpassa a política discursiva e institucional na contemporaneidade é o discurso neoliberal. Sigo aqui entendendo o neoliberalismo como propõe Dardot e Laval (2016), ao enunciar que, antes mesmo de ser uma ideologia ou uma política econômica, é uma racionalidade que tende a estruturar e organizar não apenas as ações governamentais, mas também a conduta dos governados. Portanto, o neoliberalismo não é entendido apenas como um modelo econômico, seu funcionamento está presente nos mais diferentes campos da vida social e, até mesmo, íntima, na maneira como vivemos e como sofremos. Segundo esses mesmos autores, “a racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como uma norma de conduta e da empresa como um modelo de subjetivação” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.15).

No modelo antropológico da subjetividade contemporânea, o sujeito é concebido segundo os eixos do corpo e da ação, em que a performance e a autonomia são os pilares de sustentação da autoestima do indivíduo (BIRMAN, 2010). Desse modo, esta passa a ser a nova norma de si: a realização pessoal. Temos de nos conhecer e nos amar para sermos bem-sucedidos, nesse novo sentido, passa-se a enfatizar a palavra autoestima como mágica, chave de todo o “sucesso” (DARDOT e LAVAL, 2016).

Nessa perspectiva, não por acaso, as terapias fundamentadas pela neurociência e as cognitivo-comportamentais foram disseminadas, pois pretendem, de maneira pontual, “trazer de volta rapidamente o indivíduo para a performance e para o exercício da autonomia” (BIRMAN, 2010, p, 44). Junto a esse movimento, as narrativas e preceitos presentes nos livros de autoajuda, bem como os profissionais com tratamentos milagrosos, possibilitam ao sujeito um manual pronto para promover a sua felicidade, exemplo disso é o crescente surgimento de *coachings*. A fim de ilustrar tal contexto, trago abaixo uma parte da entrevista do neurocientista Ivan Izquierdo realizada pela Folha de São Paulo em 2016.

ENTREVISTADOR: Mas muitos neurocientistas consideram Freud datado.

IVAN IZQUIERDO: Toda teoria envelhece. Freud é uma grande referência, deu contribuições importantes. Mas a psicanálise foi superada pelos estudos em neurociência, é coisa de quando não tínhamos condição de fazer testes, ver o que acontecia no cérebro. Hoje a pessoa vai me falar de inconsciente? Onde fica? Sou cientista, não posso acreditar em algo só porque é interessante. Para mim, a psicanálise é um exercício estético, não um tratamento de saúde.

ENTREVISTADOR: E outros tipos de análise que não a freudiana?

IVAN IZQUIERDO: Terapias cognitivas, seguramente. Há formas de fazer o sujeito mudar sua resposta a um estímulo. (FOLHA DE S.PAULO, 2016)

Segundo Figueiredo (2018a), o espaço analítico, com sua temporalidade, exigência de contato com o mundo interno e de trabalho psíquico compartilhado, encontra na contemporaneidade muitos fatores contra si, alguns provenientes das neurociências e da psiquiatria, outros disseminados pela cultura do consumo.

Nesse contexto, a psicanálise perde lugar estratégico e simbólico que ocupou ao longo da modernidade, na medida que não possibilita a promoção da performance que seria valorizada pelos indivíduos (BIRMAN, 2010). Com isso, uma possibilidade de recuperação desse espaço abandonado seria ceder para incluir no seu corpo tais imperativos, mas para isso teria de se desfigurar do projeto ético que a sustenta.

Segundo Rolnik (1997), a ética na psicanálise está ligada ao quanto a vida pode se desenvolver em sua potência criadora, a depender antes de mais nada da relação que se estabelece com o trágico, como cada reage ao mal-estar a cada momento da vida. Portanto, devemos tomar a psicanálise como subversiva, como um movimento de resistência, não se tornando refém das exigências da sociedade, não aderindo a todos os aspectos desta nossa época. Dessa forma, podemos contribuir para pensar uma prática psicanalítica contemporânea.

Portanto a psicanálise não deve se espelhar no discurso da eficiência, mas sim repensar, neste momento, sua posição. Afinal, como aponta Kuperman (1997, p. 98), “não existe psicanálise sem analisandos, e é preciso que estes - e não apenas uma parte do público intelectualizado seduzido pelo 'bem dizer' - possam continuar encontrando na psicanálise uma *escuta efetiva*”. Dito de outra forma, a psicanálise não deve ceder ao discurso neoliberal, mas refletir sobre sua formação, bem como sobre sua prática, a fim de torná-la acessível a todos e todas.

As críticas à prática psicanalítica acompanham a psicanálise desde de seu nascimento. Hoje muitos a tratam como uma espécie de ícone de uma cultura que ficou para trás. No entanto, partilho da posição de Bezerra (2002), que aponta que o futuro da psicanálise não está nas mãos do mercado ou da ciência, de tal maneira que seu lugar no cenário social será determinado por “sua capacidade de atualizar aquilo que está na origem de sua clínica: a sustentação de um campo de prática que põe *qualquer* tipo de experiência humana sob o crivo da interrogação” (BEZERRA, 2002, p. 239). Sendo assim, acredito que

caiba à psicanálise, e conseqüentemente aos psicanalistas, mostrar qual seu lugar no contemporâneo.

1.3 A cultura da mídia e a manutenção do neoliberalismo

Toda e qualquer ideologia precisa de suportes (materiais e simbólicos) para se perpetuar. E com o neoliberalismo não é diferente; na contemporaneidade, sua continuidade é outorgada por diferentes aspectos. Destaco, neste trabalho, a cultura da mídia, que nos bombardeia constantemente com imagens, sons, discursos, mitos e espetáculos. Na cultura da mídia ocorre uma espécie de pedagogia cultural:

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar - e o que não. (Kelner, 2011, p. 11)

Isso significa ler a cultura no seu contexto sociopolítico e econômico, bem como ver de que modo os componentes internos de seus contextos cifram relações de poder e dominação, servindo para promover aos interesses dos grupos dominantes. Adorno (2002, p.114 e 115) traz que a indústria cultural, “tornou-se totalmente fenômeno do sempre-igual”, isto é, uma indústria que busca a padronização. Žižek (RODA VIVA, 2015) afirma que o paradoxo do neoliberalismo é nos igualar demais e provocar a perda de muitos talentos.

Essas relações podem impactar o sujeito, segundo Dunker (2017), de duas maneiras. A primeira afeta o sistema de identificação: imagem, linguagem escrita e a velocidade da relação. Aspectos que relacionam-se a quem se é, quem o outro é e quem somos nós. Já a segunda afeta nosso sistema de demanda, pois na contemporaneidade há sempre alguém nos esperando ou nos oferecendo algo. Desse modo, entramos em uma espécie de deriva.

Portanto, deve-se ter uma leitura política da cultura, a partir da análise do seu modo de transmissão, da posição de seus observadores, das suas imagens dominantes, dos seus discursos e dos seus elementos estético-formais, assim como identificar de que forma se dá a incorporação de certas posições ideológicas e a produção de efeitos políticos (KELLNER, 2001).

Segundo Fisher (2002, p. 52), “o que vemos e o que nos olha”, na cultura da mídia contemporânea, parece configurar-se como uma transformação do espaço e do debate públicos. A autora afirma que:

Estes se apóiam bem mais nas experiências singulares, particulares, nas emoções, no exemplo e no sucesso individual, no elogio narcísico do corpo e da narrativa do “eu”, no controle dos gestos mínimos, na vigilância de uma sexualidade sempre incitada – do que nas práticas políticas mais amplas ou nas experiências solidárias abertas ao outro e ao diferente, para além do reduzido espaço individual. (FISHER, 2002, p.52)

Sendo assim, podemos pensar que aquilo que é veiculado na mídia fornece uma série de significados, sentidos e modelos acerca do que é ser homem/mulher, do que é certo/errado, do que é bonito/feio etc. No presente trabalho, buscamos entender o impacto do discurso neoliberal e midiático no que diz respeito a práxis psicanalítica.

Para isso faremos uma "análise psicanalítica de discurso", tal como proposto por Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016), da quarta temporada da série *Sessão de Terapia* (2019). Ao longo deste trabalho, fiquei na dúvida se fazia esse recorte de escolher apenas um objeto de estudo ou se ampliava para demais séries, filme, charges, etc. No entanto, ao longo do processo, alguns pontos surgiram. O primeiro é a garantia de que o que se está sendo representado em cena é um psicanalista e não os demais profissionais “psi” (psicólogos, psiquiatras). O segundo ponto é o fato de ser uma série recente, tendo seu lançamento em 2019 e estar dentro do contexto brasileiro, algo que para mim era fundamental neste trabalho. Mas o que considerei de maior importância foi que escolher uma temporada da série permitiu um aprofundamento maior nas análises, não tendo que recortar episódios específicos, permitindo assim um aprofundamento no contexto da série.

CAPÍTULO 2: QUADRO METODOLÓGICO E DESENVOLVIMENTO DO MATERIAL DE ANÁLISE

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo o método escolhido foi o proposto por Dunker; Paulón e Milan-Ramos (2016), que constitui-se como uma investigação psicanalítica acerca dos discursos e parte da tese lacaniana de que a transmissão envolve um estilo, em que o tema tratado depende e é covariante ao seu modo de exposição, entendendo que o discurso está ligado ao seu tempo e a experiência vivida. Portanto, o pesquisador não é indiferente à sua análise, muito pelo contrário, está implicado nela e no tempo histórico que dita o panorama de sua escrita. Em outras palavras, entende-se que, em uma pesquisa, o pesquisador não está distanciado ou neutro em relação ao seu objeto, como historicamente se tem feito nas diferentes disciplinas. Nessa perspectiva, o pesquisador faz parte do processo de construção do conhecimento.

Acredito ser relevante pontuar que entendo o ato de pesquisar como um ato político, desde da escolha do tema, do método etc. Pois, quando se faz pesquisa, sempre se faz um recorte e a seleção daquilo que fica de fora e o que permanece na análise aponta para uma escolha política. Tal escolha gera consequências ao final da construção do trabalho e nós pesquisadores estamos implicados nisso, como aponta Foucault (2017), ao falar do método genealógico. Ele defende que ao invés de “fingir” um aniquilamento diante do que se é pesquisado, ou seja, em vez de buscar sua lei e submeter-se a ela, deve-se buscar entender o que se olha e de onde se olha, de forma que o sentimento histórico possibilite, no movimento de seu conhecimento, a sua genealogia. Ou seja, fazer pesquisa pressupõe o tempo em que é feita, os sentimentos acerca do que se é pesquisado, a história de vida do pesquisador, os diferentes acontecimentos que se desenrolam ao longo da pesquisa etc.

Dito isso, parto da psicanálise como método de investigação e tática de leitura, como proposto pelos autores Dunker; Paulón e Milan-Ramos (2016) em *Análise Psicanalítica de Discurso: perspectivas lacanianas*, bem como de um olhar subjetivo para os diferentes fenômenos. Antes de adentrar no que de fato é a análise de discurso na perspectiva lacaniana, acredito ser relevante levantar dois pontos.

O primeiro se refere ao tipo de análise que será feita aqui. Na literatura, existem diferentes tipos de análise de discurso, a que escolhemos se refere à análise psicanalítica de discurso, pois como apontam Dunker et al (2016, p. 117):

O discurso concreto é real. O discurso sobre o discurso nada mais é que discurso. Pensar a psicanálise e a análise de discurso como disciplinas autônomas e independentes, para depois procurar relações e trafegar conceitos é o mesmo que se apoiar em um alibi disciplinar para derrogar a inexistência da metalinguagem.

O segundo ponto é que as formações discursivas não se revelam apenas através de mensagens escritas, declarações jurídicas ou literárias, mas estão incluídas numa lógica institucional que permite ou não determinada enunciação. São as instituições que determinam quem tem ou não o poder de fala. Conforme aponta Foucault (2014, p. 9-10):

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

Levantados esses dois pontos, seguimos para a concepção de análise de discurso lacaniana proposta por Dunker et.al (2016). Segundo Lacan (1973/1982), discurso é sinônimo de laço social, “o discurso se situa como uma espécie de contorno do real, um aparelhamento do gozo, como uma espécie de ex-sistência na linguagem e condição de possibilidade conceitual, dos ditos e enunciados simbólico-imaginários” (DUNKER et. al 2016, p. 116). Ao levarmos em consideração a afirmação lacaniana de que a verdade tem ‘estrutura de ficção’, podemos refletir acerca do valor teórico das análises de discurso, por se valerem de metáforas ou analogias, elas estabelecem condições hipotéticas para que o analista de discurso possa apontar para o caminho de uma verdade.

As três principais características que definem o posicionamento metodológico da psicanálise como análise de discurso, segundo Dunker; Paulón e Mílan-Ramos (2016, p. 158) são:

(1) seu *retorno invertido* sobre a sua fonte, produzindo uma divisão ou um corte no sujeito; (2) a possibilidade de reconhecer-me na mensagem, de tomá-la como minha e de antecipar sua conclusão; (3) ela provém de um lugar, o lugar da linguagem, como tesouro do significante, que é o Outro. Reencontramos assim o simbólico (Outro), o imaginário (reconhecimento antecipado) e o real (a divisão do sujeito pela linguagem e pela mensagem).

Para os autores, existe, na análise de discurso, o que se pode chamar de “*estruturas de ficção*”, no sentido de que estabelecem condições hipotéticas para que um determinado regime de verdade seja descrito pelo analista do discurso (DUNKER, et al, 2016). Dentro das diferentes formas de estruturação desse tipo de análise, encontramos quatro dessas estruturas

de ficção: o teatro, o jogo, o tribunal e o espaço. O discurso da presente pesquisa estrutura-se como um teatro.

Nesse caso, o discurso é pensado como um teatro, com seus gêneros, com sua situação de representação (cena enunciativa), seus personagens, enredos e evidentemente seus atos dramáticos. Do lado do sujeito temos, então, que distinguir o autor, o ator e o personagem. Devemos entender que aquele que fala, o locutor, não é necessariamente aquele que efetivamente propõe o enunciado (diretor ou autor da peça) (DUNKER, et al, 2016, p. 125 e 126).

É importante destacarmos que esse tipo de discurso é atravessado por outros e que podemos encontrar um mesmo termo realizando mais de uma função e satisfazendo diferentes interesses. Sendo assim, analisar um discurso também é uma tentativa de realizar um compromisso retórico e produz efeitos de poder. Vale pontuarmos ainda que o sujeito, como aponta os autores, é um efeito do discurso e não o seu autor.

Nessa perspectiva, não há um dado/objeto a priori para ser investigado ou revelado, é no decorrer da pesquisa que se produz o objeto, uma vez que este se constrói pela e na relação transferencial do autor com o texto (ROSA e DOMINGUES, 2010). Isto é, o objeto, nessa perspectiva, é construído ao longo da pesquisa, a partir da relação construída entre pesquisador-pesquisa, semelhante a uma trabalho artesanal.

2.1 Procedimento de construção do material

O material desta pesquisa foi construído a partir da transcrição de trechos dos episódios da quarta temporada da série *Sessão de Terapia* (2019), a qual é ambientada em um consultório de psicanálise, em que o telespectador acompanha o dia a dia do terapeuta. Cada episódio apresenta os dilemas de diferentes pacientes e da vida pessoal do terapeuta. O lançamento se deu no dia 30/08/2019 na plataforma de *streaming* Globoplay. Essa nova temporada dá continuação à produção iniciada em outubro de 2012 no GNT, que havia sido encerrada em 2014 após três sequências. O protagonista desta temporada é interpretado por Selton Mello, também diretor da série. Mello dá vida ao personagem Caio, um psicanalista que dá continuidade à trama e assume o protagonismo de Theo (papel de Zécarlos Machado, protagonista das três primeiras temporadas).

A cada episódio (35 ao total), um paciente de Caio tem seu lugar de destaque; às segundas, o psicanalista atende Chiara², uma atriz famosa reconhecida por seu trabalho como

² Personagem interpretada por Fabiula Nascimento.

comediante. Seguindo a agenda, temos Guilhermina³, uma adolescente que começa a mudar de comportamento, o que assusta seus pais; Nando⁴, um executivo que busca entender seu desinteresse sexual pela mulher que ama e, por fim, temos Haidêe⁵, uma aposentada que busca a análise para pôr fim em sua vida. Além dos pacientes, também temos a presença de Sofia⁶, supervisora de Caio.

A fim de deixar o leitor que não tenha assistido a série à par da história de cada personagem, farei abaixo uma breve síntese de cada um, o que acredito ser relevante, pois as análises aqui feitas levaram em conta a história por trás de cada personagem e não apenas suas falas.

Começamos por Caio. O personagem é um psicanalista jovem e que foge/esconde uma recente tragédia familiar, durante as sessões se vê diante de conflitos que remetem aos próprios traumas.

Seguimos para Chiara Ferraz, paciente da segunda feira, uma atriz famosa, mas que se sente desvalorizada pelas pessoas a sua volta, escondendo-se detrás da persona pública. Busca a análise por conta de um diagnóstico de depressão, do qual se negar aceitar.

Às terças-feiras, temos Guilhermina Nowak, uma adolescente, filha de um casal interracial, que não escolheu estar no processo de análise, mas é levada por seus pais, que acreditam que ela esteja sofrendo bullying na escola.

Nas quartas-feiras, Nando Batista, um executivo bem sucedido que busca a terapia com o objetivo de entender seu repentino desinteresse sexual pela mulher, por quem sempre foi apaixonado.

A última paciente que acompanhamos ao longo da história é Haidée Ortiz, atendida às quintas-feiras, uma senhora aposentada, recém viúva e mãe de dois filhos, que busca a terapia após sentir um vazio e que, por estar sozinha, acaba tendo que ir morar na casa de um de seus filhos, o que acentua seu desconforto.

Por fim, temos Sofia Callas, a supervisora de Caio. Atende o psicanalista às sextas-feiras, mas ao mesmo tempo vive um relacionamento complicado com ele. Destaco aqui que cada episódio traz outros personagens, mas para o que nos interessa neste trabalho os aqui descritos são suficientes para se acompanhar as análises feitas.

³ Personagem interpretada por Livia Silva.

⁴ Personagem interpretado por David Junior.

⁵ Personagem interpretada por Cecilia Homem de Mello.

⁶ Personagem interpretada por Morena Baccharin.

2.2 Procedimento de análise do material

A análise do discurso realizada neste trabalho se deu por meio da proposta de Parker (2005, p. 163-182 apud. Dunker et. al, 2016), que estabelece um conjunto de sete condições para uma possível análise, são elas:

- 1) Atenção às qualidades formais do texto, particularmente às diferenças, dualidades e oposições que o próprio discurso constitui; aos significantes mestres que o organizam, bem como à posição na qual se localiza o sujeito;
- 2) Descrição dos modos representativos que o discurso apresenta, os elementos de repetição ou de iteração, os significantes recorrentes em suas relações metafóricas e metonímicas, as ancoragens para as quais o texto converge ou diverge;
- 3) O regime de interioridade e de exterioridade que a topologia do texto comporta, qual a posição de individualização que o texto interpela ou convoca no narratário ou em seu destinatário;
- 4) A economia de saber e verdade que o discurso constitui em seu desenrolar; o tipo de jogo, teatro ou contrato que ele realiza com seu destinatário;
- 5) Como o discurso se comporta em sua relação entre metalinguagem e estilo; quais são os interdiscursos, os pontos de autoridade e autoria; a forma como se resolve a relação entre o modo de exposição e o conteúdo afirmado ou negado;
- 6) A forma como o discurso lida com sua própria impossibilidade estrutural; a forma como educa, ordena, faz desejar ou analisa um objeto - particularmente a existência de cortes, interrupções e suspensões da série significante ou argumentativa;
- 7) A maneira como o texto articula efeito de imaginarização (exemplos, ilustrações, comunhões de sentido) com artificios simbólicos e com seus cortes reais. (PARKER, 2005, apud DUNKER, at.al, 2016, p. 163 a 182).

Partindo desses pressupostos, foi realizada a avaliação do material da pesquisa, entendendo que para se fazer uma análise de discurso, como proposta por Dunker; Paulón e Mílan-Ramos (2016), deve-se seguir essas sete condições apresentadas.

CAPÍTULO 3: ANÁLISES E REFLEXÕES DO MATERIAL

O presente capítulo tem como objetivo apresentar as análises feitas a partir do material proposto neste trabalho. O texto foi dividido em três seções, apesar da divisão, ressalto que existe uma interligação entre elas, a divisão foi feita a fim de facilitar a leitura e melhor organizar as ideias. A primeira seção tratará do conceito de transferência na clínica. Na segunda, busquei trabalhar a questão do tempo na análise e seus impasses na contemporaneidade. E, por fim, na terceira seção trago uma reflexão acerca do lugar que o psicanalista ocupa na contemporaneidade. Destaco desde o começo que não tenho a pretensão de esgotar os temas analisados, mas o de ampliar o debate acerca deles.

3.1 A transferência em análise

Podemos afirmar que a entrada em análise depende necessariamente da instalação da transferência, assim como seu fim diz respeito a sua resolução. Segundo Freud (1912/2010), a transferência envolve o deslocamento da libido dos objetos originais do passado para a figura do analista. Dito de outra forma, o paciente projeta seus afetos sobre a figura do médico, no qual presente e passado são combinados. Isto é, o desejo do paciente aparece atualizado na figura do analista.

O dispositivo da transferência pode ser dividido em dois, o primeiro refere-se à transferência positiva, que consiste na força que mantém a análise nos momentos de crise e que ajuda o analisando no dia a dia da análise. O segundo é a transferência negativa, aquela que se presta à resistência. Freud (1912/2010, p. 137), pontua que: “À primeira vista, parece uma imensa desvantagem metodológica da psicanálise o fato de nela a transferência, ordinariamente a mais forte alavanca do sucesso, tornar-se o mais poderoso meio de resistência”.

Fica claro na fala de Freud que a transferência é, ao mesmo tempo, o motor de uma análise e a criadora das barreiras para o avanço da mesma, sendo o trabalho da análise o de vencer essas resistências.

Lembro, aqui, que parte da proposta deste trabalho é um resgate da teoria freudiana, pois acredito que a leitura do criador da psicanálise seja fundamental para pensarmos em como enfrentar as questões do contemporâneo. No entanto, retornar aos seus trabalhos não significa tê-lo como único caminho de reflexão, outros autores importantes avançaram em

diferentes conceitos, nesse sentido, acredito que Lacan (1960-1961/1992) fez contribuições e avanços importantes no que diz respeito ao dispositivo transferencial. Dito isso, seguiremos entendendo a transferência como proposta por Lacan. Para isso, é importante destacar que o psicanalista francês abandona a noção de contratransferência proposta por Freud, que consistia, de forma resumida, em uma transferência do analista para seu analisando. Esse abandono se dá pelo fato de que, “há uma implicação necessária do analista na situação de transferência, o que torna inócua a noção de contratransferência” (RINALDI, 2010, p.2).

Um segundo ponto fundamental é o surgimento a noção de “sujeito suposto saber”, do qual Freud não escreveu sobre, mas que Lacan, a partir de sua leitura de Freud, desenvolveu. Tal conceito refere-se não à pessoa do analista, mas ao lugar que ele ocupa, em que o analisando demanda e supõe um poder. Buscarei, a partir das análises abaixo, expor melhor tais conceitos. Começemos com esse pequeno diálogo.

CAIO: Era importante que eu te conhecesse?

CHIARA: Achei que você fosse mais alto. Mais gato, que eu ia chegar aqui, tirar o óculos, o boné, dá uma olha assim dentro do teu olho, entendeu? Que ia rolar um negócio entre a gente aqui, eu e você, entendeu? Rolando nesse sisal, é sisal isso aqui, né? Ô, eita, isso aqui dá uma picinada (CHIARA - SESSÃO 1, 2019).

Chiara é uma atriz e fica surpresa ao não ser reconhecida pelo analista, sua primeira fala após ser questionada se isso era uma questão importante é a descrição de uma fantasia erótica em relação ao que ela imaginava que iria acontecer no consultório. Parte dessa fantasia está presente no imaginário popular, afinal filmes e séries costumam mostrar cenas em que o terapeuta e o paciente acabam por se “apaixonar”. Na própria série analisada aqui, essa questão é reforçada em diferentes momentos, dos quais destaco como exemplo a fala do psicanalista Caio a sua supervisora

CAIO: Terapeutas e pacientes dormem juntos desde que o mundo é mundo. Você vai realmente fugir disso que tá acontecendo aqui? (CAIO - SESSÃO 1, 2019)

Devemos nos lembrar aqui que a arte, como aponta Homem (2012), perpassa o campo da imitação. Para que ocorra, é necessário algo a ser imitado e alguém que se interesse. O “objeto” a ser recriado é qualquer um, real ou imaginário. Portanto, a arte representa uma expressão do mundo em que vivemos e a forma como a subjetivamos perpassa a cultura e a sociedade, bem como a história de vida de cada um.

Assim sendo, tais cenas não estão tão distantes da realidade cotidiana, algo que deve ser problematizado. O presente trabalho não se propõe a aprofundar nesta questão, mas deixo

aqui esta possibilidade de estudo para trabalhos futuros ou para aquele que tiverem interesse. No entanto, devo pontuar que uma das formas mais comuns de transferência é a amorosa e, como aponta Steckel (1911/2017, s.p), “alguns psicoterapeutas chegam erroneamente a acreditar que a transferência é idêntica ao processo em que o paciente se apaixona pelo médico”, isso é, em alguns casos, o psicoterapeuta confunde a transferência amorosa com um enamoramento do paciente por seu terapeuta.

Pontuo que em uma análise, o paciente também odeia o médico, considera-o um rival e o despreza, assim como também o superestima e o enaltece (STEKEL, 1911/2017). Ou seja, a transferência se dá por diferentes vias e não diz respeito ao analista em si, mas ao lugar que ele ocupa, não devendo tomar esse amor ou ódio que o analisando sente como sendo algo pessoal. Vejamos o diálogo abaixo:

CAIO: O que você tá sentindo agora?

NANDO: Raiva, muita raiva. Raiva de todas as mulheres. Raiva da Michele, raiva da Maria Lúcia, raiva da dona Iolanda, raiva de você!

CAIO: De mim?

NANDO: É, de você também, você fica aí sentado se achando o senhor da razão. Mas quando você senta pra me analisar, eu te vejo também, Caio. E sabe o que que eu vejo? Eu vejo medo, insegurança, solidão, se bobear, você tá mais perdido que eu. (NANDO- SESSÃO 5, 2019)

Como pontuado acima, podemos perceber que a transferência também se dá a partir de sentimentos “negativos”. Nando diz estar com raiva de Caio, no entanto, essa raiva não é em relação à figura de Caio, mas a afetos de sua história que se atualizam no lugar do analista. Portanto, o analista não deve tomar tais sentimentos como sendo pessoalmente referidos a ele.

Voltando ao diálogo entre Chiara e Caio, podemos entender que parte da transferência que começa a surgir entre os personagens se dá justamente pelo fato de Caio não a ter reconhecido, o que demonstra que a transferência acontece de diferentes formas entre as pessoas e que não existe um roteiro para que ela ocorra. Podemos notar a importância desse não reconhecimento na seguinte fala da personagem.

CHIARA: O último terapeuta que eu fui, pirou comigo, riu até, sabia? Se eu pedisse ele em casamento, se eu quisesse rolar com ele no tapete de sisal, ele rolava. (CHIARA- SESSÃO 1, 2019)

Chiara comenta que foi uma única vez a esse terapeuta, que por ele ser um fã poderia expor sua vida a terceiros. Logo, o fato de Caio não a ter reconhecido foi um dos fatores que ajudou a transferência começar a se estabelecer, na medida em que isso a fez a questão sobre

o desejo do Outro se colocar. Caio ocupa, na relação com Chiara, o lugar de suposto saber, o que permite que ela confie a ele sua fala. É interessante pensarmos aqui que parte das questões que a personagem Chiara irá trabalhar em análise refere-se ao sentimento de não reconhecimento: dos amigos, da mãe, das pessoas etc. O que é simbólico, uma vez que um dos pontos chave da transferência tenha se dado pelo não reconhecimento do Caio.

Os processos que possibilitam o estabelecimento da transferência são diversos, mas o “lugar de suposto saber” que o analista ocupa é o que possibilita que ela ocorra. A transferência só pode ser estabelecida justamente porque o paciente acredita que o analista sabe de algo que ele mesmo não sabe, aquele que sabe as respostas, como aconteceu entre Chiara e Caio. Vejamos mais alguns trechos abaixo em que isso ocorre:

HAIDÉE: Caio, se você tivesse no meu lugar, você ia no cinema com o Ivan?

CAIO: Você que tem que saber, se quer ou não quer ir no cinema com ele, é uma decisão sua. (HAIDÉE - SESSÃO 3, 2019)

GUILHERMINA: Aconteceu mais coisa.

CAIO: O que mais aconteceu?

GUILHERMINA: Se eu te contar você não vai mais gostar de mim.

CAIO: Você pode falar o que você quiser aqui. Eu, eu não sou um juiz, não tô aqui pra te julgar, eu tô aqui para te ajudar. (GUILHERMINA - SESSÃO 4, 2019)

CAIO: Porque a senhora não me contou sobre isso?

HAIDÉE: Ah, você podia achar que era frescura.

CAIO: Frescura. A senhora acha que é frescura? (HAIDÉE - SESSÃO 2, 2019)

Podemos perceber aqui a busca dos pacientes em encontrar uma resposta no analista, como no primeiro diálogo em que a personagem Haidée pergunta o que deveria fazer. Segundo Rinaldi (2010, p. 3), a situação analítica traz consigo “uma falsidade, que é a ilusão do analisando de que este saber, o saber do inconsciente, de alguma forma está constituído no analista.” O que, segundo a autora, se refere à própria transferência em vigor.

Um segundo ponto que os trechos retirados da série nos possibilitam refletir é o “medo” do analisando de perder o “amor” do analista. A transferência amorosa, como já pontuado, é comum aos consultórios psicanalíticos e não deve ser confundida como um enamoramento pelo analista. A fala da personagem Guilhermina “Se eu te contar você não vai mais gostar de mim” e de Haidée “A você podia achar que é frescura”, apontam para esse medo de desagradar o analista. Nesses casos, é importante que o analista relembre a regra analítica: a associação livre.

Aqui temos um ponto importante a ser destacado, Lacan (1970/1992) observa que o fio condutor da transferência não está nos poderes conferidos ao analista, que ocupa o lugar de sujeito suposto saber, mas na possibilidade de conferir ao analisante o controle de ocupar esse espaço, uma vez que a palavra lhe é dada livremente. Segundo Qader (2016, p. 96) “o analista institui o analisante como sujeito suposto saber – pois, através de sua fala, o saber que interessa à análise (isto é, o saber do inconsciente) se manifesta para o ouvinte”. A autora ainda ressalta que, para que a experiência analítica se fundamente, é necessário que o sujeito do inconsciente se coloque a falar.

Nesse sentido, é importante que o analista reconheça esse lugar (de suposto saber), para que assim possa desocupá-lo. Vejamos alguns trechos em que podemos perceber a transferência para a figura do analista.

SUPERVISORA: Ela confiou em você e você já está fazendo essa função paterna com ela, mas exercer uma função durante um período curto não te faz dono do cargo.

CAIO: Não, isso faz parte da terapia, por favor, por favor.

SUPERVISORA: E essa angústia toda? É só porque a Guilhermina tem um namoradinho?

CAIO: Eu fico pensando, será que a Elisa tinha um namoradinho? Será que ela morreu sem conhecer o amor? (CAIO - SESSÃO 3, 2019)

Aqui, Caio reconhece a resistência existente entre ele e a paciente Guilhermina, a entendendo como parte do processo analítico. No entanto, pontua que ele próprio percebe ser afetado a ponto de talvez não poder dar continuidade ao seu tratamento, uma vez que enxerga, em Guilhermina, sua filha.

O processo de análise com essa personagem mobiliza em Caio questões pessoais, que ele ainda não conseguiu superar, seus afetos em relação à filha (a qual faleceu em um acidente de carro junto a sua mulher) são transferidos para a personagem Guilhermina, vejamos o trecho abaixo.

CAIO: Eu tive um sonho essa semana. Eu sonhei com uma das sessões que tive com a, uma não, a sessão que a Guilhermina me contou do namoradinho. Só que quem tava na minha frente não era a Guilhermina, era a minha filha, ela tava ali na minha frente e eu queria chegar perto dela, mas eu, eu não conseguia sair do lugar, acho que a Vera também tava ali perto. (CAIO - SESSÃO 4, 2019)

Essa relação transferencial entre Caio e Guilhermina fica clara nesta fala. Ao perceber a resistência existente na relação com sua paciente, qual seria o melhor caminho a ser tomado por Caio? Não existe uma receita para tal questão, mas Freud (1914-1915/2019, p.

165) pontuava que “as únicas dificuldades realmente sérias são encontradas no manejo da transferência” e que é importante trabalhar, na análise, os afetos que se manifestam no campo transferencial e não os negar. Sigamos com mais um diálogo.

CAIO: Eu to com muito paciente que se parece comigo, né? E a maioria tem problema com a mãe.

SUPERVISORA: Quem não tem problema com a mãe?

CAIO: Pois é, mas será que eles têm mesmo problema com a mãe? Ou, ou será que é minha condução. (CAIO - SESSÃO 5, 2019)

Aqui Caio traz à tona uma boa reflexão: em uma transferência, sempre os dois estão implicados, analista e analisando. A transferência é o motor do processo analítico e por isso é importante que o analista esteja constantemente percebendo o que, na análise, diz respeito a ele e o que é relativo ao analisando, para que não se misturem. Cabe ao analista realizar a análise do candidato a analista, a fim de possibilitar a escuta do paciente com a menor interferência possível com suas próprias questões. Não defendo aqui que o analista ocupe o lugar de um espelho apático, mas pronto para exercer a função de espelho que permita ao paciente se reconhecer e construir novas formas de subjetivação.

No seu texto *Análise terminável e Interminável* (1937/ 2018), Freud pontua que, para se tornar analista, este deve fazer análise. Isso é necessário para que o analista consiga manejar a transferência em benefício do tratamento, buscando, em sua própria análise, resolver questões que acabam por surgir no trabalho analítico. Abaixo trago duas imagens que expõe de certa forma a transferência entre a personagem Chiara e seu analista Caio.

Figura 1: Chiara



Fonte: Episódio um da série “Sessão de Terapia” (CHIARA SESSÃO 1, 2019)

Figura 2: Caio



Fonte: Episódio um da série “Sessão de Terapia” (CHIARA SESSÃO 1, 2019)

A primeira imagem mostra Chiara durante a sessão em um momento no qual trabalha algumas questões importantes, pontuando estar cansada de ter que dar satisfação a todo mundo, de ter que estar sempre bem. Na segunda imagem, vemos Caio, que após encerrar a sessão com a Chiara, senta-se onde estava a personagem e fica na mesma posição que ela se encontrava minutos antes. Essa imagem é simbólica, pois aponta para algo que Lacan (1960-1961/1992) já pontuava: na transferência, há uma implicação necessária do analista, ou seja, analisando e analista estão implicados, ambos, na transferência. Na imagem, temos analista e analisando em um só lugar.

Os trechos aqui analisados nos mostram que: (i) a transferência se estabelece de forma subjetiva; (ii), a transferência implica tanto o analista quanto o analisando e (iii) é importante que o analista tenha em mente que faz semblante ao lugar de sujeito suposto saber e que ao longo da análise este lugar deve ser ocupado pelo analisante. No próximo subcapítulo buscarei avançar no processo analítico e debater acerca da duração de uma análise e suas relações com o contemporâneo e o sistema neoliberal.

3.2 Quanto tempo temos?

Gostaria de iniciar apontando que a duração do processo psicanalítico é uma pauta de preocupação dos psicanalistas há muito tempo. Este debate vem desde de Freud, como podemos ver em *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937/2018), de forma que, na tentativa de tornar o processo mais rápido, Freud experimentou, em alguns casos - o mais

conhecido deles foi “homem dos lobos”, publicado em *História de uma neurose infantil* (FREUD, 1918/2010) - colocar um prazo para o fim do processo analítico. Tal tentativa mostrou-se, inicialmente, efetiva, fazendo com que o paciente realizasse associações de uma forma mais rápida, porém não pode garantir a completa realização da tarefa analítica, pelo contrário, pois “enquanto uma parte do material se tornará acessível sob a pressão da ameaça, outra parte permanecerá retida e, assim, como que enterrada, perdida para o esforço terapêutico” (FREUD, 1937/2018).

Entendo, portanto, que a busca por acelerar o processo terapêutico é algo histórico. No entanto, na contemporaneidade, parece ter se tornado urgente, pois se buscam respostas o mais rápido possível, afinal, como o ditado popular nos diz, “tempo é dinheiro”. Ao longo da série *Sessão de Terapia* (2019), diferentes personagens tratam do tempo como mercadoria e, por ser o consumidor, o paciente, ou como trazem outras abordagens, o cliente, espera que uma sessão traga resultados palpáveis e de forma rápida, caso contrário é uma perda de tempo e, conseqüentemente, de dinheiro. Fink (2018) traz uma reflexão interessante ao termo cliente, ele aponta que “ser ‘cliente’ sugere que alguém é consumidor, que sabe exatamente o que está pedindo e o que vai receber - o que, com certeza, *não* se aplica a nenhum tipo de situação real de terapia” (FINK, 2018, p.20). Abaixo trago um trecho retirado da série que no ajuda a compreender melhor essa lógica.

CHIARA: Eu não devia ter vindo... tô perdendo meu tempo. Não vou mais voltar não. (CHIARA SESSÃO 1, 2019)

Apesar da frase curta, a fala da personagem Chiara nos revela pontos relevantes para a análise desenvolvida. Ela traz essa fala ao fim da sua primeira sessão, após ter tocado em pontos importantes acerca da sua vida. Sendo assim, podemos analisar essa fala como indicativa de um processo de resistência, que consiste, de forma resumida, em tudo aquilo que se opõe ao acesso do inconsciente. Freud vai se debruçar nesse tema nas *Conferências introdutórias à psicanálise* (FREUD, 1917/2014). No entanto, essa fala também revela a ideia de que, se ao final de uma sessão eu não saio com respostas, mínimas que sejam, ela de nada valeu, perdi meu tempo. E, aqui, talvez seja um caminho fundamental pensar essa busca acelerada como um sintoma a ser analisado. Um sintoma social constantemente reforçado pelo sistema neoliberal, que reforça constantemente a ideia de que o sujeito deva oferecer respostas rápidas e que gerem lucro, em que a proatividade e a eficiência são fundamentais, sendo essa postura a esperada para a terapia e também para o terapeuta.

Sendo assim, defendo que não devemos ceder ao tempo exigido, buscando uma forma rápida de se fazer análise, mas o de questionar o porquê dessa busca, pois como aponta Parker (2018), a psicanálise é um método que desafia paradigmas e orienta intervenções contra a ordem, para mantermos, assim, aberta “a possibilidade de um outro mundo em que existam outras formas de organizar, interpretar e desejar” (PARKER, 2018 p.140).

CHIARA: Você não tá entendendo o que eu to falando pra você?

CAIO: Eu só sei o que você me conta, se você não me contar as coisas eu, eu não tenho como te ajudar.

CHIARA: Entendi, então você acha né, que eu to cansada de ser famosa.

CAIO: Eu realmente não sei.

CHIARA: Você é o terapeuta, eu to te pagando, você me analisa e me diz o que eu tenho. Você que tem que me dizer, entendeu?! (CHIARA SESSÃO 1, 2019)

Esse trecho exemplifica bem o que Parker (2018) traz: no momento em que o analista não dá as respostas que Chiara demandava, coloca em xeque a ideia de que “se eu estou pagando, eu tenho o controle”, “se eu estou pagando e quero respostas, você tem que me dar essas respostas”, mostrando que o espaço analítico não funciona como o mundo dela, que ali é um espaço de possibilidade de um outro mundo e que ela pode buscar novas formas de se colocar nele.

Sigamos agora para um diálogo entre o psicanalista Caio e seu paciente Nando.

NANDO: Eu marquei outra consulta.

CAIO: Você voltou no seu médico?

NANDO: Eu preciso de uma outra opinião. Eu sei que você e o doutor Gonçalves disseram que é tudo coisa da minha cabeça. Que eu não tenho problema nenhum de saúde que tá tudo certo comigo mas tem que ter algum tratamento não é possível.

CAIO: A terapia é um tratamento.

NANDO: Mas não tá funcionando.

CAIO: É normal você pensar assim no começo, você tem que ter calma.

NANDO: Eu não to entendendo o que eu to fazendo aqui, eu chego e falo falo falo falo falo.

CAIO: Nando aqui é o lugar pra falar falar falar, elaborar suas questões.

NANDO: Mas isso não tá deixando meu pau duro, continuo impotente. (NANDO - SESSÃO 1, 2019)

Esse diálogo, além de reforçar a ideia de uma perda de tempo, aponta para a questão da eficácia de uma análise. Segundo Birman (2019), o tempo do processo terapêutico é critério fundamental para o paciente, pois tem se buscado cada vez mais terapias breves, que prometem resultados rápidos, em contraposição ao tempo e dinheiro investidos numa psicanálise. Essa busca por uma solução rápida tem se tornado comum nos contextos psicoterápicos, de modo que o sujeito almeja o fim de seu sintoma, para que, assim, possa voltar a sua performance (BIRMAN, 2010). O personagem Nando, quando diz ter buscado

uma outra opinião, na verdade buscava um abreviamento para seu problema, para poder voltar à sua performance, à sua potência, o mais rápido possível.

Tais imperativos contribuem para o crescimento de psicoterapias alternativas e um discurso, que uma parcela da comunidade psicanalítica começa a forjar com as neurociências, com o cognitivismo e com os discursos religiosos, para incluir no seu corpo tais demandas (BIRMAN, 2010, 2019). Essa busca por soluções rápidas é algo real, portanto não há razões para manter a questão em negação, nesse sentido, a psicanálise deve se debruçar no assunto, mas, como apontado anteriormente, não com o intuito de ceder às pressões sociais e acelerar o processo, pois, como já pontuado por Freud (1937/2018), não seria efetivo, mas sim com o objetivo de pensar na renovação da psicanálise.

Portanto, qual seria um caminho possível? Acredito que é trabalho do analista buscar entender como implicar seus analisandos no processo analítico, uma vez que poucas são as pessoas que buscam uma análise e possuem uma ideia real do que o processo analítico envolve (FINK, 2018) e que é relativamente comum que o desejo do paciente em seguir na análise diminua ou desapareça, caso contrário, os conflitos ligados a seus sintomas não estariam sendo afetados, “é o desejo do analista, e não o enfraquecido desejo dos analisandos, que lhes permite prosseguir” (FINK, 2018 p. 14).

Podemos notar essa falta de desejo em continuar a análise ao longo das sessões com o personagem Nando, que repetidas vezes diminui o efeito do processo analítico, convocando o analista a “colocar” seu desejo em cena, na tentativa de manter o processo em curso. Podemos nomear essa postura de Nando como um processo de resistência, ao longo dos episódios questões difíceis de serem trabalhadas surgem e o personagem busca se afastar destes temas, algo que é comum ao processo analítico e que cabe ao analista manejar tais situações. Isso, mais uma vez, relaciona-se ao que Fink (2018) aponta sobre o processo psicanalítico, o analista não é neutro, muito pelo contrário, ele está implicado naquele caso, de modo que suas intervenções, interpretações e questionamentos têm um efeito sobre a análise e, conseqüentemente, sobre o analisando. A fim de exemplificar, trago abaixo outro diálogo dos personagens, no qual o analista pergunta sobre a experiência que Nando havia tido com uma garota de programa.

CAIO: Como é que foi dessa vez? Deu, deu certo?

NANDO: Se deu certo? Deu mais que certo Caio, eu fiz foram três gols, três gols, numa noite só. Isso aí é bom demais. Cobra o mesmo preço que você e resolveu meu

problema em uma única sessão em, ou seja, melhor do que você né. (NANDO - SESSÃO 2, 2019)

Aqui, Nando provoca o analista, apontando que a garota de programa foi mais efetiva que ele, e que o ajudou a resolver seu problema em uma única noite, um recorde de tempo. Mas porque então continuar com a análise? Esse é um ponto interessante. Se Nando acredita ter encontrado a solução para seu problema, porque seguir no processo analítico? A impotência que leva Nando a análise não era o problema em si, era apenas um sintoma, conseguir transar com a garota de programa não resolveu sua relação com sua mulher, suas questões familiares ou de trabalho.

E qual seria o significado por trás desse sintoma? O sintoma da impotência, segundo Henderson (2017), não é apenas sinônimo do medo ou fracasso, mas uma resposta singular do sujeito à castração, e, nessa medida, uma fonte de satisfação. Destaco esse ponto do sintoma, pois assim como no trecho aqui exposto, em que podemos afirmar que a impotência de Nando está para além do simples ato de não ter ereção, podemos pensar que a busca por soluções rápidas no contexto terapêutico constitui um sintoma e, se tratando de tal, “têm seu sentido, tal como os atos falhos e os sonhos, e, como estes, guardam relação com a vida das pessoas que os exibem” (FREUD, 1917/2014, p. 344).

Sendo assim, cabe ao analista entender qual a finalidade do discurso neoliberal em relação ao tempo de atendimento e ao modo de tratamento, uma vez que este constitui o discurso hegemônico na sociedade brasileira contemporânea. Por isso a importância de aprofundarmos nas relações políticas e sociais existentes hoje, pois elas perpassam a forma como os pacientes sofrem e, conseqüentemente, como buscam se tratar. Não é à toa que o processo de medicalização tenha crescido nos últimos anos, pois há a promoção de uma ideia de que o alívio para o mal estar, seja ele psíquico ou não, deva ser buscado no consumo de medicamentos, como aponta González Rey (2011).

CHIARA: Ele falou que eu tive uma crise de ansiedade, bobagem.

CAIO: Você acha que isso é bobagem?

CHIARA: Claro que eu acho, imagina só, me fazer perder tempo, agora sim estou sobrecarregada. To cheia de cena pendurada pra gravar. (CHIARA - SESSÃO 6, 2019)

A personagem Chiara passa mal em uma das suas gravações e desmaia, sendo levada para o hospital para então receber o diagnóstico de ansiedade, o qual ela nega, acredita ser bobagem e aponta que a perda de tempo é que a deixou com problemas. É como se ela não

pudesse adoecer, não pudesse parar: se não ela não grava, não produz. Portanto, a preocupação é perder seu lugar de destaque, pois como aponta Dardot e Laval (2016), o sujeito neoliberal é a pessoa da competição e do desempenho, feito para ganhar e ser bem sucedido na vida, por isso possui *coaching*, *personal trainner*, pratica esportes e se obriga a um bom desempenho em todos os campos da vida. De acordo com Sibilia (2015), na contemporaneidade, tem-se a emergência de um sujeito condenado ao upgrade constante, o que é potencializado pelo advento de novas tecnologias. Tomemos a fala da personagem Chiara, abaixo, para avançarmos nesse debate.

CHIARA: Esse negócio de internet, de rede social, de internet, você tem que tá ali o tempo inteiro presente, isso me incomoda profundamente Caio, muito porque eu não sei onde é que foi que eu me perdi. Que eu virei uma empresa. Hoje eu sou uma empresa. Antes era só pra tirar foto, bonito, beleza, fotografia, olha como eu sou, que legal. Não, hoje eu ganho dinheiro sou uma pequena empresa, é um porta que eu não consigo fechar mais Caio. Se eu posto foto de mais reclamam, se eu posto pouco reclamam, as vezes tá uma desgraça no mundo acontecendo, tragédia, gente morrendo pegando fogo, tudo explodindo e eu la, foto de biquine. Eu tenho que postar, porque tá no contrato, porque no contrato diz, tem que postar tal dia, não importa se morre alguém, eu tenho que postar. Isso é uma loucura, isso é uma loucura. (CHIARA - SESSÃO 4, 2019)

Os sofrimentos comuns ao contemporâneo, como por exemplo a ansiedade e o pânico, evidenciam “a falta de estabilidade do eu e a ausência de uma área de repouso” (WINNICOTT, 1990 [1963], apud BARBOSA et al., 2013, p. 63), que são “provavelmente amplificadas pelo excesso de exposição e a predominância dos sentimentos de transparência e permeabilidade” (BARBOSA, et al., 2013, p. 63 e 64). Ainda segundo as autoras, a subjetividade contemporânea é, em grande parte, afetada por aquilo que as novas tecnologias podem oferecer, como, por exemplo, a agilidade, a hiper-exposição e a instantaneidade. No caso da personagem Chiara, essa falta de uma área de repouso fica escancarada ao longo da série; por ser uma atriz famosa, acaba por se tornar uma mercadoria, um objeto, que vale a pena pelo que produz no campo econômico, um objeto que será posto de lado quando tiver perdido a *performance*, quando não tiver mais uso.

Um exemplo desse “descarte” na contemporaneidade é o de pessoas idosas, que por não estarem produzindo, são marginalizadas, vejamos a fala da personagem Chiara abaixo sobre esse aspecto:

CHIARA: E os atores mais velhos, que eu cresci assistindo. gente que formou um pensamento artístico pra mim, tão desempregados porque estão velhos, tão esquecidos entendeu, como se, não servissem mais pra nada, isso é horrível, pior coisa pra um ator, prum um artista é morrer em vida, eles se tornaram invisíveis,

simplesmente porque envelheceram, porque não servem mais não tem seguidor, não vive essa onda, não dá pra ser assim, não dá pra ser assim, dói muito sabe, é cruel. (CHIARA - SESSÃO 4, 2019)

O idadismo é um fenômeno cada vez mais comum, como apontam Calazans e Freitas (2019), pois, na contemporaneidade, o corpo velho é percebido como objeto de desgosto, “por estar distante do corpo considerado desejável, ao corpo velho não é dado o direito à tão cotada visibilidade” (p. 127)

Segundo Dardot e Laval (2016), o discurso neoliberal construiu uma ideia de “empresa de si mesmo”, na qual o sujeito deve ter domínio sobre sua vida, conduzindo-a e controlando-a em função de suas necessidades. Desse modo, há exaltação do combate, da força, do vigor e do sucesso, sendo a nova norma de si a realização pessoal, daí a ênfase na autoestima, no sucesso e na gestão de si e de todos os domínios da vida. Essa ideia de “empresa de si mesmo” fica clara na fala da personagem Chiara. Ela fala claramente “eu sou uma empresa”, ela percebe seu lugar no jogo, mas não consegue se desprender dele e esta talvez seja uma das perversidades desse sistema: a ideia de que não se tem escolha, que não há outro caminho a ser seguido. O que faz com que a pessoa muitas vezes se sinta culpada nesse processo.

CHIARA: Eu sei que eu tô me prejudicando, eu sei que eu tô fazendo mal a mim mesma, racionalmente, na minha cabeça, eu entendo que tá errado, mas eu não consigo fazer diferente, é muito loco cara, é muito loco, eu queria ter alguma coisa que acionasse em mim assim, um botão, uma coisa que eu apertasse e eu virasse outra pessoa.

CAIO: Você acha que a solução é virar mais uma pessoa, além da Chiara? Você consegue perceber que como tudo na sua vida, você tá correndo com seu processo na terapia, você acelera, você passa muito rápido por cima de tudo.

CHIARA: Porque será que eu faço tudo isso? (CHIARA - SESSÃO 3, 2019)

Nesse diálogo, podemos perceber que Chiara começa a reconhecer algumas das questões-chaves no seu processo, mas destaco aqui que ela aponta para esse lugar da dúvida, porque mesmo percebendo racionalmente seus processos ela levanta a pergunta “Por que será que eu faço tudo isso?”. Por que será que na contemporaneidade buscamos soluções rápidas? Por que temos que estar sempre felizes? Por que temos que estar constantemente produzindo? As respostas a essas perguntas são complexas e não tenho a pretensão de dar uma resposta final a elas. O que busquei expor, nas análises aqui apresentadas, foi a reflexão de que questões que dizem respeito à subjetividade são atravessadas pelo social, pela cultura e pela política. Destaco o neoliberalismo como o modelo vigente e pontuo que a psicanálise, assim como os psicanalistas, não devem ceder aos seus imperativos, como se não houvesse outro

caminho, porque, como apontam Dardot e Laval (2016), a genealogia do neoliberalismo não é um destino necessário que subjuga a humanidade, ela não é a razão da história humana, ela é construída historicamente, o que não a permite que seja pensada como insuperável.

Dito isso, sigamos para a próxima e última seção de análise, na qual abordarei brevemente o papel do analista e o seu lugar na contemporaneidade.

.3 A psicanálise e o analista contemporâneo

Não busco neste trabalho afirmar que o papel do psicanalista na contemporaneidade seja “X” ou “Y”, mas possibilitar reflexões de novos caminhos a serem percorridos por aqueles que buscam na psicanálise uma possibilidade de ruptura com a lógica vigente. Começo trazendo uma questão que constantemente surge na fala das pessoas que pensam em iniciar uma terapia: o valor que se é cobrado. Vejamos o trecho abaixo.

CAIO: Desculpa, você tá esquecendo alguma coisa. Que isso?

CHIARA: Você não faz permuta não? Cada *post* meu 50mil a gente bota uma foto aqui vai bombar seu consultório.Quanto é?

CAIO: Quatrocentos.

CHIARA: Porra. (CHIARA - SESSÃO 1, 2019)

Sobre os honorários, Freud (1913/2010), aponta que esse é tido como meio de “autopreservação e obtenção de poder” (1913/2010, p.175), no qual estão envolvidos importantes fatores sexuais. Ele ainda diz que as pessoas tratam o dinheiro da mesma forma que as questões sexuais; nas palavras de Freud, um “falso pudor”, defendendo portanto que o analista deva tratar do dinheiro da forma mais natural possível.

Nesse mesmo artigo, *O início do tratamento*, Freud ainda traz que o analista deve “se recusar a tratar alguém sem honorários” (1913/2010, p.176). O valor cobrado em uma análise acaba muitas vezes por torná-la algo ainda muito inacessível para boa parte da população. No diálogo entre Caio e Chiara apresentado na série, temos essa questão reforçada, quatrocentos reais por uma sessão está longe da realidade da maioria dos brasileiros. Claro que existem convênios e analistas que cobram valores mais palpáveis para uma parcela da população, no entanto, mesmo cobrando valores menores, ainda ficariam de fora muitas pessoas,as quais só poderiam ter acesso a esse serviço se ele fosse oferecido de forma gratuita. Temos, ainda, uma questão da qual Fink (2018) nos lembra: é comum as empresas de plano de saúde desqualificarem o trabalho das psicoterapias, o que é reforçado, muitas vezes, pelos meios de comunicação, que muitas vezes retratam terapeutas se aproveitando dos pacientes.

A questão do pouco acesso por uma parcela da população a psicanálise é uma questão que o próprio Freud (1913/2010) reconhecia, como pontua no seguinte trecho: “Podemos nos situar bem longe da condenação ascética do dinheiro, e no entanto lamentar que a terapia analítica, por razões externas e internas, seja quase inacessível para os pobres. Quanto a isso não há muito a fazer” (p.177). Trago um trecho da série abaixo para pensarmos acerca do acesso à terapia.

NANDO: Imagina o que o meu pai diria se me visse aqui agora.

CAIO: Seu pai não gostava de terapia?

NANDO: Acho que ele nem sabia o que era isso. Quantos pacientes negros você tem? (NANDO - SESSÃO 2, 2019)

Esse diálogo entre Nando e Caio mostra, de forma clara, que a psicanálise, assim como todas as ciências que tenham o prefixo “psi” (psicologia, psiquiatria), ainda deixa muitas pessoas de fora. Nando vem de uma família pobre e em diferentes momentos relata que fazer terapia não é uma possibilidade para as pessoas que vieram de onde ele veio. Escolhi esse trecho neste momento para discordar da fala de Freud, quando diz que não há muito a ser feito. Acredito que há sim, muito a se fazer. Claro que não busco aqui uma discordância acrítica ou revolta, o tempo de Freud era outro, logo sua relação com esta questão parte de um outro lugar. No entanto, podemos notar cada vez mais o surgimento de uma ideia de “clínica ampliada”, na tentativa de alcançar esses grupos marginalizados e transpor os limites dos consultórios e se projetar sobre os planos da cultura e da história.

Uma noção de ‘clínica ampliada’ se torna necessária, para não incorrerem em algum tipo de reducionismo psicologista. A clínica psicanalítica ampliada corresponde, no fundamental, a certa atitude e a uma postura - a certa da ética- da escuta do ainda-não-existe e do ainda-não-consciente nos indivíduos e na sociedade. É, essencialmente, uma escuta propiciadora do vir-a-ser dessas subjetividades singulares, não incorrendo, portanto, na psicologização do social. (FIGUEIREDO, 2018b, p. 193)

Sinalizo aqui que não se trata de um abandono a clínica tradicional, do consultório particular etc. Esse tipo de estruturação tem seu papel importante e fundamental para o desenvolvimento da psicanálise. O que trago para reflexão é a possibilidade de ocupar novos espaços, dando voz àqueles que muitas vezes não possuem a oportunidade nem a condição de buscar uma análise. Acredito que aquele analista que possa oferecer algumas horas de sua escuta de forma gratuita para aqueles que precisam, o deve fazer. Pois defendo que não deva ser um privilégio de poucos o acesso ao *setting* terapêutico como proposto pelo pai da psicanálise. Caso a não cobrança se torne uma resistência ao processo analítico, esta deve ser

trabalhada na análise, pois como traz Freud (1912/2010), é importante trabalhar as resistência e não as negar.

CAIO: Ganho, ganho bem, ganho o suficiente e talvez vocês não saibam, mas tem gente que não pode pagar terapia, e eu ofereço o meu trabalho para algumas pessoas que não podem pagar. (HAIDÉE - SESSÃO 6, 2019)

Aponto essa fala do personagem Caio, pois ela traz à tona a possibilidade desse espaço analítico ser ocupado por aqueles que não podem pagar e a importância dessa possibilidade estar exposta em uma série de televisão como esta.

Voltando a ideia de uma clínica ampliada, no programa Papo de Segunda da GNT, foi debatida a série *Sessão de Terapia* (2019), nele participaram Fábio Porchat, Emicida, João Vicente e Chico Bosco. Trago este debate pois nele foi-se pontuado justamente a questão financeira e a dificuldade que isso leva para aqueles que não conseguem pagar uma sessão de terapia. O Emicida, por exemplo, único negro dentre os quatro, foi o único que não fez/faz terapia. Ao questionar acerca do valor cobrado levantou-se a questão de que existem espaços sociais de psicanálise pública e gratuita, inclusive falaram do trabalho do psicanalista Tales Ab'Sáber, que tem um projeto de uma clínica social que se desenvolve em um espaço público em São Paulo, o que possibilita justamente essa ampliação da clínica psicanalítica (CANAL GNT, 2019).

Pensar esses novos caminhos para a psicanálise se mostra cada vez mais necessário e diferentes grupos têm se mobilizado a pensar uma clínica ampliada, crítica e política. Isso diz respeito também à formação de psicanalistas, como apontam Guimarães e Jardim (2019, p. 336) ao falarem da experiência que tem acontecido com o *Coletivo Psicanálise na Rua*, que se propõe a oferecer psicanálise gratuita e que se utiliza dos espaços públicos.

Talvez se plasme artificialmente um abismo entre a psicanálise tradicional e as experiências de psicanálise gratuita em espaços públicos para que o conservadorismo das estratégias de formação dos analistas continue vigorando. Por isso, o Psicanálise na Rua se reconhece como um espaço de formação psicanalítica crítico da história de elitismo da psicanálise, e se orgulha e se entusiasma com a interlocução frutífera junto às outras iniciativas brasileiras semelhantes.

Os autores pontuam uma questão importante, que é a de estar ocupando os lugares públicos, pois é neles que o sujeito tem sua subjetividade colocada à prova diariamente, logo é importante que o analista entenda esta realidade em que as pessoas estão inseridas.

NANDO: Daqui a pouco eu saio por aquela porta ali e vai entrar outro paciente com uma merda até pior que a minha e você vai continuar aí, sentado, imóvel, você não mete a mão na merda Caio, você não suja suas mãos. (NANDO- SESSÃO 5, 2019)

Essa fala do personagem Nando aponta para esse lugar em que muitas vezes o analista se coloca, um lugar de neutralidade e indiferença, reduzindo o trabalho analítico às quatro paredes do consultório, se esquecendo que existe um mundo fora dali. Dito isso, trago abaixo um outro diálogo entre os personagens Caio e Nando.

CAIO: Eu acho que você recuperou sua virilidade. Mas continua perdido, porque você está sentindo sua masculinidade ameaçada. Você diz que Maria Lúcia fez você se perder e falou tantas outras coisas sobre as mulheres de uma forma geral. A impressão que eu tenho é que você fala de um jeito muito equivocados sobre as mulheres, elas não são bruxas, Nando, definitivamente, muito menos sua esposa, a Maria Lúcia e eu tenho certeza que Michele também não.

NANDO: Eu to exausto, amanhã o RH quer fazer uma acareação comigo e com a Michele.

CAIO: Nando, eu acho que você deve ir com muita calma nessa conversa, você deve escutar o que sua funcionária tem a dizer, você entendeu? Você deve falar menos e escutar mais.

NANDO: Eu vou resolver isso, semana que vem eu te conto. (NANDO - SESSÃO 3, 2019)

Esse diálogo é interessante, pois mostra que o analista não é passivo no processo analítico. Claro que temos alguns problemas na fala do personagem Caio, se pensarmos na prática analítica. Mas vou focar em analisar o posicionamento de Caio frente ao machismo que o personagem Nando vinha expondo ao longo de algumas sessões. Caio traz para a análise essa questão, problematizando-a, tendo em vista que esse é um tema que não faz mais sentido na sociedade e que deve ser combatido, o que leva Nando a refletir sobre sua fala e postura. Esse posicionamento do Caio só se deu dessa forma devido à relação transferencial existente entre eles e o momento da análise permitia esse posicionamento. Não defendo aqui que o analista deva apontar a seu analisando o que é certo ou errado, afinal o que é certo e o que é errado? O que entendo como importante é que algumas ideias devem ser questionadas, tais como machismo, racismo etc.

A postura de se implicar no processo de uma análise como analista não parece ser o caminho mais fácil, mas concordo com a fala de Fink (2018, p.41): “O analista pode ter todos os diplomas do mundo e uma reputação que não fique atrás de ninguém, mas, se não for capaz de ir além da sugestão com o paciente e de engajá-lo no processo analítico, o tratamento se resumirá a nada além da administração de placebos”. Ou seja, em um análise, é papel do

analista o de engajar o paciente ao processo analítico. Avancemos para mais um trecho da série que possibilita refletirmos acerca do lugar do analista.

CAIO: Quando um paciente sai, a gente nunca sabe se ele vai voltar. Quem me garante que não é ela que vai parar com a terapia e nunca mais dar sinal de vida.

SUPERVISORA: Mas você voltou Caio. Você acha que a Guilhermina não vai voltar? (CAIO - SESSÃO 3, 2019)

Esse diálogo aponta para as angústias do analista, pois essa posição não garante proteção a questões individuais do profissional, o analista também tem medo de não ajudar o analisando, de falar alguma besteira, do paciente nunca mais voltar etc. Essas questões perpassam essa profissão e é importante o analista entender seu lugar nela, não se colocando como neutro no processo, nem como amigo do paciente.

NANDO: Você é mais que um terapeuta, você é um amigo, eu acho que, eu acho que agora posso te chamar de irmão. (NANDO - SESSÃO 7, 2019)

Essa fala de Nando nos ajuda a refletir sobre essas questões, é comum o paciente colocar o analista como um amigo. O que não deve fazer com que o analista ocupe de fato esse espaço. O profissional deve sempre lembrar qual seu lugar numa análise e trabalhar para a continuidade da mesma, buscando ajudar o analisando a resolver suas questões. Trago, por fim, uma última fala da personagem Guilhermina, uma adolescente que iniciou sua análise sem o menor interesse, a pedido de seus pais.

GUILHERMINA: Eu achava que a terapia era um saco. Mas isso tá me ajudando muito. (GUILHERMINA - SESSÃO 5, 2019)

O trabalho de análise da personagem Guilhermina é um dos mais interessantes ao meu ver. Essa fala da personagem aponta para um trabalho de implicação na análise. E não fiquemos presos na fala da Guilhermina em si, porque, como aponta Freud (1937/2018), não importa muito se o paciente elogia ou não o trabalho analítico, mas sim se ele passa a associar mais vezes. É exatamente isso que acontece com a personagem ao longo das sessões, ela passa a se colocar cada vez mais em suas falas e a dar voz a seu inconsciente. Esse é um caminho que acredito que o analista deva buscar, o de possibilitar um espaço em que o analisando possa dar voz ao inconsciente e que esse espaço possa ser criado para qualquer um e não apenas a uma pequena parcela da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou identificar alguns elementos históricos, ideológicos e econômicos que constituem o discurso sobre a práxis psicanalítica contemporânea, refletindo sobre as possibilidades de análise de uma obra midiática e suas contribuições, para tanto identificar problemas comuns em psicanálise, quanto demonstrar a visão comumente disseminada em relação à profissão de psicanalista. Além disso, relacionamos a prática com as questões contemporâneas, para tal mostramos a relação da indústria cultural e a mentalidade capitalista neoliberal na forma de subjetivação dos indivíduos, além de refletirmos sobre o lugar da psicanálise nesse contexto.

Desse modo, cabe destacar que a presente pesquisa possibilitou refletir sobre o espaço da psicanálise no contemporâneo, para demonstrar isso buscamos trazer ao leitor algumas contribuições de Freud para se pensar o social, para que assim pudéssemos entender os impactos do sistema neoliberal na forma de subjetivação de cada pessoa e como o psicanalista poderia contribuir para o nosso tempo, entendendo os limites de uma clínica tradicional, que ainda é restrita a uma pequena parcela da população e pensando nas possibilidades de novos caminhos a serem seguidos.

Sobre a série *Sessão de Terapia* (2019), vimos que traz para a cena a intimidade do consultório, “revelando” a figura do analista e sua prática. Nela são expostas não só o trabalho realizado pelo analista, mas suas questões pessoais e conflitos cotidianos. A existência de uma série como essa nos possibilitou refletir sobre a prática psicanalítica e o que dela escolheu-se colocar em cena. Os sofrimentos trabalhados na série são sofrimentos muito comuns a nossa época: o medo de envelhecer, a superexposição, a ansiedade, a depressão, o suicídio etc.

A produção de uma série como esta possibilita uma desmistificação do analista e do sofrimento humano, pois possibilita que o telespectador acompanhe a vida pessoal do analista e de seus atendimentos, nos quais são expostas pessoas comuns, que têm problemas, medos, amores etc. O que potencialmente naturaliza a prática de psicanálise, pois mostra que os envolvidos são normais e identificáveis no cotidiano.

Por outro lado, a série ainda reforça algumas ideias acerca do processo terapêutico. Em diferentes momentos o personagem Caio (analista) acaba por dar respostas e conselhos a seus pacientes. E ao final da série, o que acaba por ser um clichê, o personagem termina se

relacionando amorosamente com sua supervisora, o que demonstra ainda uma visão de senso comum, principalmente no que diz respeito à formação e à prática do profissional em si.

Entretanto, não devemos tomar essas questões como erros da série, pelo contrário, elas apontam para algo de real. Freud, em seu texto *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), ao se referir a mitologia, diz “O poeta ‘transmentiu’ a realidade no sentido de seu anseio” (p.101-102). Tomo esta frase entendendo que existe, no mito e no produto midiático analisado neste trabalho, uma transmissão de algo que de fato acontece nos consultórios, apesar de ser uma ficção, o que possibilita questionarmos a qualidade dos trabalhos psicanalíticos que acontecem hoje. Ou seja, sentidos comuns os são também por constatação de repetição cultural de algo, portanto há razões para investigar se esse olhar representativo feito na obra analisada indica questões a serem refletidas na prática em psicanálise.

Outro ponto relevante é que a série aponta para algo que nos parece óbvio, mas que vale destacar: não estamos em Viena, muito menos na Viena de Freud. Os nossos pacientes, como aponta Žižek (RODA VIVA, 2015), não são mais as histéricas que buscam tratar seus complexos de Édipo mal resolvidos. Portanto, defendo a perspectiva de que a psicanálise deve ocupar novos espaços e dialogar com as demais ciências e saberes, porque entendo que pensar a psicanálise é pensar na possibilidade de novos mundos, é colocar em dúvida aquilo que parece dado.

Destaco também que a série possibilitou aos espectadores debaterem e buscarem uma melhor compreensão da psicanálise. Para retratar essa ideia, é interessante sublinhar que, em seu perfil do *instagram*, Selton Mello comentou que muitos fãs o buscaram para agradecer à série, pois anteriormente achavam que psicanálise era coisa de maluco, ou de gente fraca, pessoas que nunca pensariam em fazer terapia e que agora a enxergam como uma possibilidade. Podemos entender que a série e seus desdobramentos (entrevistas, conversas online, etc) não só possibilitaram uma maior proximidade das pessoas com a psicanálise, mas também debates acerca de temas como racismo, machismo, elitização do tratamento, suicídio, enfim, todos temas que foram colocados ao longo da série.

Ademais, com relação à análise desenvolvida neste trabalho, a forma como cada sessão é conduzida na ficção em questão nos possibilitou debater primeiramente a questão transferencial, dispositivo fundamental para que uma análise ocorra, percurso em que busquei expor o papel e o funcionamento em uma análise. Além disso, a série traz como pano de

fundo questões culturais e sociais que perpassam a subjetividade contemporânea. Nesse sentido, busquei problematizar algumas questões, apontando que existem diferentes possibilidades frente a alguns imperativos do neoliberalismo, o qual aponto não como um modelo econômico, mas como uma forma de viver e sofrer. Por fim, busquei refletir sobre novos caminhos e possibilidades para a psicanálise frente ao mundo em que vivemos.

Nesse sentido, ressalto que pensar uma clínica ampliada, como o movimento *Psicanálise na rua*, por exemplo, é fundamental para ocuparmos os espaços que foram abandonados historicamente pela psicanálise. Estar nos meios digitais, como o *youtube*, é uma outra possibilidade, os canais de Christian Dunker e Maria Homem são exemplos de uma busca por uma maior proximidade com diferentes grupos.

Por fim, cabe pontuar que este trabalho tem sua conclusão aberta: primeiro porque, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, é um dos meus primeiro contatos mais profundos com a pesquisa e mais especificamente com a pesquisa em psicanálise. Segundo, pelo fato de que não tinha como objetivo esgotar os debates propostos, uma vez que o material apresentado possibilita inúmeras interpretações e discussões. A ênfase maior deste trabalho se deu na prática psicanalítica e seus desdobramentos na contemporaneidade e dos caminhos possíveis dentro de um sistema neoliberal, a partir de um diálogo com o fundador da psicanálise, bem como principais nomes da área, inclusive trabalhos contemporâneos. Ressalto isso por defender que a leitura dos clássicos seja de fundamental importância e que a leitura de nossos contemporâneos - de preferência conterrâneos -, seja fundamental para novos caminhos de subjetivação, não só da psicanálise, mas na forma que vivemos. A aspiração deste trabalho foi contribuir para o debate psicanalítico e, se possível, para as demais áreas do conhecimento que se interessem pelo tema apresentado.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz E Terra, 2002.
- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- AZEVEDO, A. V. DE. **Mito e psicanálise**. Rio De Janeiro: Zahar, 2004.
- BARBOSA, A. F. D. C. et al. **The new communication technologies: issues for psychoanalytical practice**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a04.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2020.
- BEZERRA, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In PLASTINO (org.). Transgressões. Rio: Contra Capa/Rios Ambiciosos, 2002.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BIRMAN, J. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: **Ser feliz hoje : reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio De Janeiro: Editora FGV, 2010.
- CALAZANS, F.; FREITAS, V. S. DE. Corpo, velhice e performance na série “Grace and Frankie.” **Revista Latinoamericana Ciencias de la Comunicación**, v. 16, n. 30, 2019.
- CANAL GNT. **O que é terapia e psicanálise? | Papo Rápido | Papo de Segunda** YouTube, 10 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vQU6kXFZy_8>. Acesso em: 28 jun. 2019
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DESEJOS. Direção: Phil Joanou. EUA: Warner Bros, 1992. DVD.
- DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma : a psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MÍLAN-RAMOS, J. G. **Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A. L. **Cinema e psicanálise: A criação e psicanálise**. 2. ed. São Paulo: nVersos, 2015.
- DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade : políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu, 2017.
- FIGUEIREDO, L. C. **A psicanálise: caminhos no mundo em transformação**. São Paulo: Escuta, 2018a.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **Psicanálise : elementos para a clínica contemporânea**. São Paulo, Sp: Escuta, 2018b.

FINK, Bruce. **Introdução Clínica à Psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FISHER, R. M. B. Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. **Currículo sem Fronteiras**, v. 2, n. 1, p. 41–54, 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. “**Estudos de neurociência superaram a psicanálise**”, diz pesquisador brasileiro - 18/06/2016 - **Equilíbrio e Saúde**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2016/06/1783036-estudos-de-neurociencia-superaram-a-psicanalise-diz-pesquisador-brasileiro.shtml>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** : aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREUD, S. (1890) Tratamento psíquico (tratamento anímico). In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1893/1895) **Estudos Sobre a Histeria**. Tradução Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2016.

_____. (1912) A Dinâmica da Transferência. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”)** : artigos sobre técnica e outros textos. Tradução Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.

_____. (1912) Recomendações ao Médico que Pratica a Psicanálise. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”)** : artigos sobre técnica e outros textos. Tradução Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.

_____. (1913) O início do Tratamento. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”)** : artigos sobre técnica e outros textos. Tradução Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.

_____. (1914/1915) Observações sobre o amor transferencial. In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1914) Recordar, Repetir e Elaborar. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”)** : artigos sobre técnica e outros textos. Tradução Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.

_____. (1917) O Sentido dos Sintomas. In: FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias à Psicanálise**. Tradução Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 343-364.

_____. (1921) Psicologia das massas e análise do eu . In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2017.

_____. (1937) Análise terminável e interminável. In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos**. Tradução Paulo Cesar De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 274-326.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia Das Letras, 2012.

GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, T.; JARDIM, R. M. M. Apontamentos sobre o horizonte crítico do Psicanálise na Rua. **Teoría y Crítica de la Psicología**, v. 12, p. 315–339, 2019.

HAN, B.-C. **A sociedade do Cansaço**. Petrópolis: VOZES, 2017.

HAUTE, P. V.; GEYKENS, T. **Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HENDERSON, Guilherme Freitas. A impotência sexual na obra de Freud. 2017. 105 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

HOMEM, M. L. **No limiar do silêncio e da letra : traços da autoria em Clarice Lispector**. São Paulo: Edusp, 2012.

ŽIŽEK, S. **Lacrimae rerum: ensaios sobre cinema moderno**. São Paulo: Boitempo, 2018.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica?. Âgora (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 6, n. 1, p. 115-138, June 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 02 July 2020. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>.

KELLNER, D. **A cultura da mídia : estudos culturais : identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

KOLTAI, C. et al. **A psicanálise e o neoliberalismo: entrevista com Caterina Koltai, Christian Dunker, Maria Rita Kehl, Nelson da Silva Jr., Paulo Endo e Rodrigo Camargo – PSICANALISTAS PELA DEMOCRACIA**. Disponível em: <<https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/06/a-psicanalise-e-o-neoliberalismo-entrevista-com-caterina-koltai-christian-dunker-maria-rita-kehl-nelson-da-silva-jr-paulo-endo-e-rodrigo-camargo/>>.

Kupermann, Daniel. Dor e cura na constituição da clínica freudiana. Um ensaio sobre o primeiro Freud. In: Kupermann, Daniel. **Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 65-81.

LACAN, J. **O Seminário - Livro XX - Mais ainda**. Rio De Janeiro: Zahar, 1982.

LACAN, J. **O Seminário, livro VIII: A transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PARKER, I. Gerência do corpo para o trabalho: obsessão, organização e interpretação. In: **Psicanálise e marxismo: as violências em tempos de capitalismo**. Curitiba: Appris, 2018.

PERON, Paula Regina. Da sugestão à análise da transferência: a noção de cura psicanalítica no início da obra freudiana. **Mental**, Barbacena, v. 2, n. 2, p. 35-53, jun. 2004.

Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jul. 2020.

QADER, Aline Santos Abdel. A transferência como baliza para o posicionamento do mestre: ocupação-lo para desocupação-lo. 2016. 115 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

RINALDI, D. **Transferência e desejo do analista**. 2010. Disponível em:

<http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_rinaldi_trasferencia_desejo_analista.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

RIVERA, T. **O avesso do imaginário: Arte Contemporânea e Psicanálise**. São Paulo: SESI-SP, 2018.

RODA VIVA. **Slavoj Žižek - 08/07/2013 YouTube**, 19 mar. 2015. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=6RZcC9emQQo>>. Acesso em: 2 jul. 2020

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ótica e a cultura. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papirus, 1997.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010.

ROSE, N. **Re Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade**. Rio De Janeiro: Vozes, 2011.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio De Janeiro: Zahar, 2016.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos : corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SESSÃO de Terapia. Direção: Selton Mello. Brasil: Globoplay, 2019. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/sessao-de-terapia/t/tKTBtfZdtv/#GLOBOPLAY-INTERNAL,global-play-search-titles-optimized-query,autocomplete-removed,2b936bbf-9c0e-4dbe-bfd9-34c03012f3bb>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico : a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. Rio De Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, P. **O show do eu** : a intimidade como espetáculo. Rio De Janeiro: Contraponto, 2016.

STECKEL, W. As diferentes formas da transferência [Trad. C. Padovan; N. Müller]. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -4, p. 6, 2017. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2017/11/20/n4-06/>>.

Lista dos episódios utilizados na análise

CHIARA - Sessão 1 (Temporada 4, ep. 1). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 27 min. Acesso em 01 abr 2020.

GUILHERMINA - Sessão 1 (Temporada 4, ep. 2). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 23 min. Acesso em 01 abr 2020.

NANDO - Sessão 1 (Temporada 4, ep.3). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 24 min. Acesso em 01 abr 2020.

HAI DÉE - Sessão 1 (Temporada 4, ep.4). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 26 min. Acesso em 02 abr 2020.

CAIO - Sessão 1 (Temporada 4, ep.5). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 27 min. Acesso em 02 abr 2020.

CHIARA - Sessão 1 (Temporada 4, ep.6). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 25 min. Acesso em 02 abr 2020.

NANDO - Sessão 2 (Temporada 4, ep. 8). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 24 min. Acesso em 03 abr 2020.

HAI DÉE - Sessão 2 (Temporada 4, ep. 9). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 26 min. Acesso em 03 abr 2020.

CAIO - Sessão 2 (Temporada 4, ep. 10). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 25 min. Acesso em 03 abr 2020.

CHIARA - Sessão 3 (Temporada 4, ep. 11). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 24 min. Acesso em 04 abr 2020.

NANDO - Sessão 3 (Temporada 4, ep. 13). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 24 min. Acesso em 04 abr 2020.

HAI DÉE - Sessão 3 (Temporada 4, ep. 14). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 25 min. Acesso em 04 abr 2020.

CAIO - Sessão 3 (Temporada 4, ep. 15). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 26 min. Acesso em 05 abr 2020.

CHIARA - Sessão 4 (Temporada 4, ep. 16). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 25 min. Acesso em 05 abr 2020.

GUILHERMINA - Sessão 4 (Temporada 4, ep. 17). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 25 min. Acesso em 05 abr 2020.

NANDO - Sessão 4 (Temporada 4, ep. 18). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 23 min. Acesso em 06 abr 2020.

CAIO - Sessão 4 (Temporada 4, ep. 20). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 25 min. Acesso em 08 abr 2020.

GUILHERMINA - Sessão 5 (Temporada 4, ep. 22). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 24 min. Acesso em 08 abr 2020.

NANDO- Sessão 5 (Temporada 4, ep. 23). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 24 min. Acesso em 08 abr 2020.

CAIO - Sessão 5 (Temporada 4, ep. 25). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 25 min. Acesso em 09 abr 2020.

CHIARA - Sessão 6 (Temporada 4, ep. 26). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 23 min. Acesso em 09 abr 2020.

HAI DÉE - Sessão 6 (Temporada 4, ep. 29). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 25 min. Acesso em 09 abr 2020.

CAIO - Sessão 6 (Temporada 4, ep. 30). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 26 min. Acesso em 10 abr 2020.

NANDO - Sessão 7 (Temporada 4, ep. 33). **Sessão de Terapia [Seriado]**. Direção: Selton Mello. Roteiro: Jaqueline Vargas. Produtora: Globosat, 2019. 23 min. Acesso em 10 abr 2020.